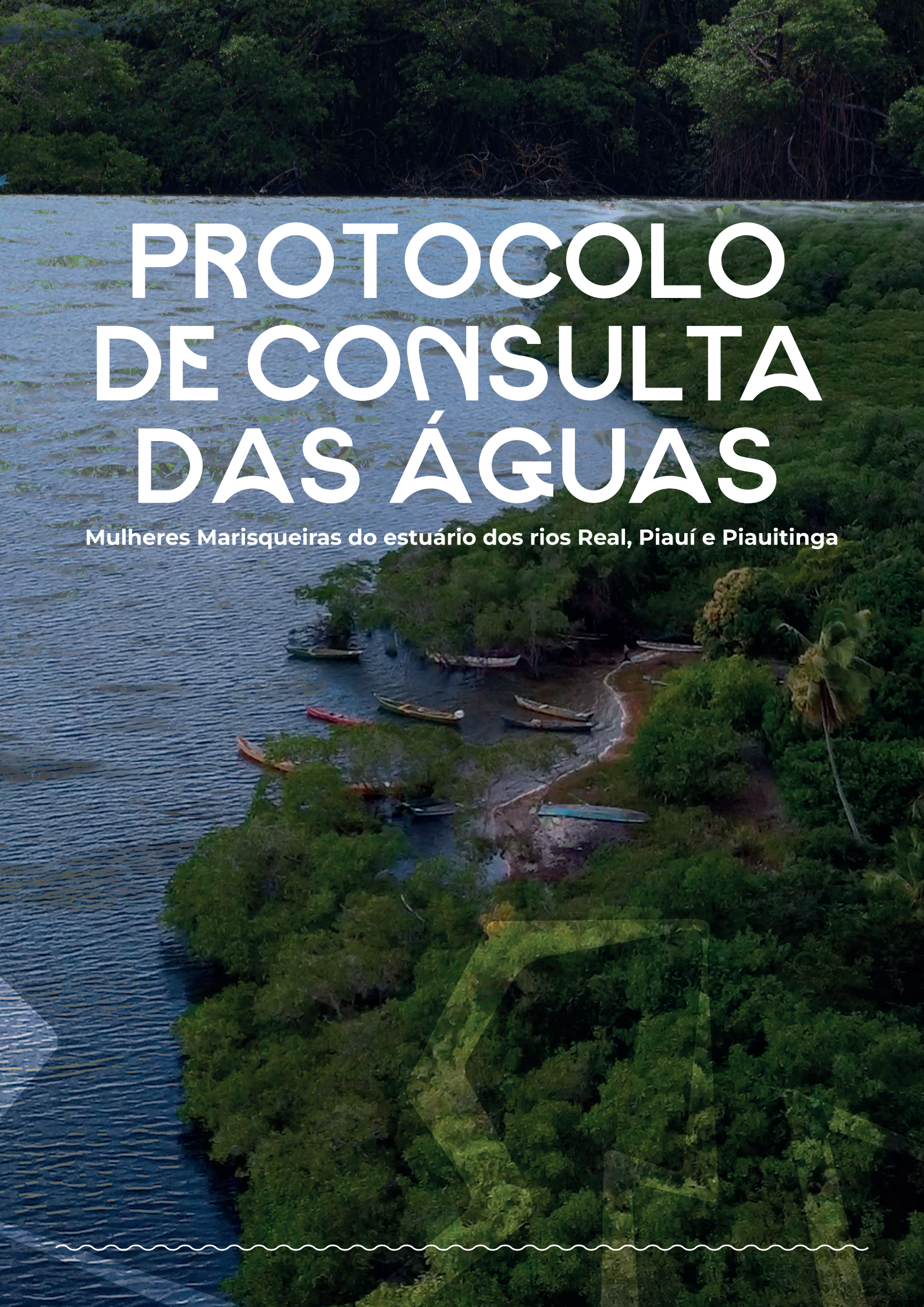


An aerial photograph of a mangrove estuary. The water is a deep blue-grey, reflecting the sky. The shoreline is a mix of dark green mangrove trees and lighter green vegetation. Several small, colorful boats (red, yellow, green, blue) are moored along the shore. The text 'PROTOCOLO DE CONSULTA DAS ÁGUAS' is overlaid in large, white, sans-serif capital letters. Below it, the subtitle 'Mulheres Marisqueiras do estuário dos rios Real, Piauí e Piauitinga' is in a smaller, white, sans-serif font. A white wavy line is at the bottom of the page.

PROTOCOLO DE CONSULTA DAS ÁGUAS

Mulheres Marisqueiras do estuário dos rios Real, Piauí e Piauitinga



PROTOCOLO DE CONSULTA DAS ÁGUAS

Mulheres Marisqueiras do estuário dos rios Real, Piauí e Piauitinga



Ser marisqueira,
pra mim,
é um orgulho!

(Lucicleide, Muculanduba)

Meu porto seguro é
ser marisqueira!
Me sinto orgulhosa!

(Iraci, Ouricuri)

Ser marisqueira,
pra mim, é um
trabalho digno.
Eu acho que é
um trabalho que
a gente tem – e
nós não somos
empregadas, nós
somos donas!

(Cátia, Porto do Mato)

Pra mim,
ser marisqueira é tudo da vida!

(Dona Helena, Rua da Palha)

[Ser] marisqueira,
pra mim, é uma
herança que ficou
dos meus pais...
meu pai era tirador
de caranguejo, a
minha mãe tirava
ostra de mergulho.

(Edinalva, Pontal)

Ser marisqueira,
pra mim, não é só
ir pra maré (...), mas
também respeitar a
natureza! Preservar
nossos manguezais,
nossas nascentes,
nossos rios.

(Elienaide, Preguiça)



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ~~~~~	08
UNIDAS PELAS ÁGUAS ~~~~~	10
SOMOS MARISQUEIRAS, RAINHAS DO MANGUE, SOMOS GUERREIRAS ~~~~	18
A nossa identidade nasce nos manguezais ~~~~~	19
A nossa vivência se faz história de geração em geração ~~~~	21
A ciência da maré ~~~~~	23
Quem dita o tempo do nosso trabalho é a maré! ~~~~~	29
A lida no mangue também deixa marcas e doenças ~~~~~	34
Culinária marisqueira ~~~~~	37
NOSSO TERRITÓRIO ~~~~~	38
Mapa dos territórios de mariscagem ~~~~~	45
AS AMEAÇAS AO NOSSO TERRITÓRIO E AO NOSSO MODO DE VIDA ~~~~~	46
Carcinicultura: mangue, águas e modo de vida sob ataque ~~~~~	47

A especulação imobiliária: perda dos territórios de uso comum ~~~~~	58
O impacto da monocultura do eucalipto ~~~~~	59
O impacto do petróleo sobre os territórios de mariscagem ~~~~~	60
O Zoneamento Ecológico-Econômico do Litoral Sul de Sergipe: as mentiras do desenvolvimento e suas leis ~~~~~	62
A destruição das matas ~~~~~	63
NOSSAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO ~~~~~	64
NOSSO PROTOCOLO DE CONSULTA ~~~~~	70
O processo de construção ~~~~~	70
O que esperamos da Consulta? ~~~~~	73
Como a legislação protege os povos tradicionais e seus terri- tórios? ~~~~~	74
Devemos ser consultadas! ~~~~~	76
Quem deve ser consultada? ~~~~~	77
Como devemos ser consultadas? ~~~~~	77
Período em que não devemos ser consultadas ~~~~~	80
Quem deve arcar com os custos da Consulta? ~~~~~	81
Quem organiza e coordena as reuniões? ~~~~~	81
EXPEDIENTE ~~~~~	83

09

UNIDAS PELAS ÁGUAS

*“O rio unia a gente,
o rio unia um povoado ao outro”*
(Assilene, marisqueira de Pontal).

Conviver pelos rios e estarmos próximas por terra faz com que nossos povoados partilhem histórias. Muitas de nós, que somos nativas, temos sangue dos indígenas que aqui viveram. Nossos portos não só exportavam cocos, mas também recebiam escravizados vindos de África. Somos também descendentes deles. Algumas de nós vieram de outros lugares, também habitados por indígenas e com os mesmos portos de escravidão.

Antigo território e moradia de remanescentes tupinambás, Porto do Mato.

“A família de minha mãe tudo tem o sobrenome dos Tupinambás... Quem tirou, na verdade, foi o Estado, né? É quem fez isso de tirar, talvez pra não dar entidade à gente, porque sabe que é uma entidade, uma comunidade indígena... A gente morava na ilha e meu pai morava na ponte d'Angola, que é onde os negros chegavam no porto d'Angola.

(Arlene, 43 anos. Filha de Ofenísia Tupinambá de Oliveira e Apolinário da Costa. Marisqueira de Porto do Mato)

Nossas casas eram de palha, taipa, ocas. Muitas de nós alcançou a luz só no lampião. Salgávamos peixes e mariscos para durarem mais...

“Mas todo mundo antes era nas suas ocas mesmo. Era ocas, na verdade, todo mundo tinha as suas ocas.

(Arlene, Porto do Mato)

“Antigamente, as pessoas da comunidade construíam suas casas de palhas de coqueiro ou palha de piaçava. Algumas poucas eram construídas de barro e coberta de telha, eram chamadas casas de taipa e as casas de palhas eram chamadas de palha mesmo, né? Naquela época, a madeira era tirada no mangue vermelho que era a madeira que iria para o ar – como chamava os mais velhos –, que era o tipo de madeiras usadas em cima da casa como as ripas, os caibros, as linhas e a cumieira.

(Elieanaide Flores, 51 anos, Preguiça)



Casa de taipa, povoado Rua da Palha.

“As casas aqui antes era tudo de palha, né? De palha, de taipa, às vezes era assim arrodada de palha também. E antes era tudo no escuro, hoje já tem energia.

(Seu Gilvan, 53 anos, Rua da Palha)

“A energia era lampião ou bateria, né? Bateria de carro. (...) O camarão... A gente torrava, cozinhava ele, com bastante sal pra ficar juntando... a ostra, se tirasse durante a semana ia fervendo ela com sal ou não abria, só desmiolava no dia de vender.

(Nice, 55 anos, Muculanduba)

Nós extraímos da natureza os nossos alimentos. Em todos os nossos povoados existiram matriarcas que nos ensinaram a prática da mariscagem. Vivemos da pesca, da maré e, algumas de nós, da cata de mangaba. Os mais velhos até hoje possuem pequenas roças. Tínhamos casas de farinha. Nossos povoados eram cheios de frutíferas, antes da grilagem de nossas terras.

“ Todo mundo sobrevivía da pesca. Todo mundo sobrevivía da maré. Porque os filhos eram pequenos... o pessoal, os pais, não tinha outro meio, plantavam sua rocinha pra não comprar sua farinha, sua macaxeira, sua batata.

(Nice, Muculanduba)

Mulheres mariscando, Muculanduba.

“ As marisqueiras, mães do Ouricuri, que ensinaram as demais a mariscar foi Dona Joaquina, Dona Mariquinha e Dona Paulina. Veio, depois, Dona Maria Helena, que até hoje marisca. E não podemos deixar de falar da maior: Dona Vitória! Acredito que foi uma das primeiras.

(Valda, 44 anos, Ouricuri)

“ Aqui no Pontal, a gente tinha oiti, bacupari, murici de galinha, o murici do campo, ingá, cambuí, cruiri... existe ainda hoje, nas terras privadas, empata a viagem. Jatobá... teve, não existe mais. Catolé – que era um tipo de coquinho que a gente quebrava no dente –, a piaçava – que era um coco também, tipo o babaçu –, a mangaba, né? – que, já já, só tem em terras privadas –, o araçá – que tinha bastante, que as mulheres faziam doce –, tem o guajeru... é isso aí, várias mesmo, que a gente não lembra, porque era bastante fruta mesmo!

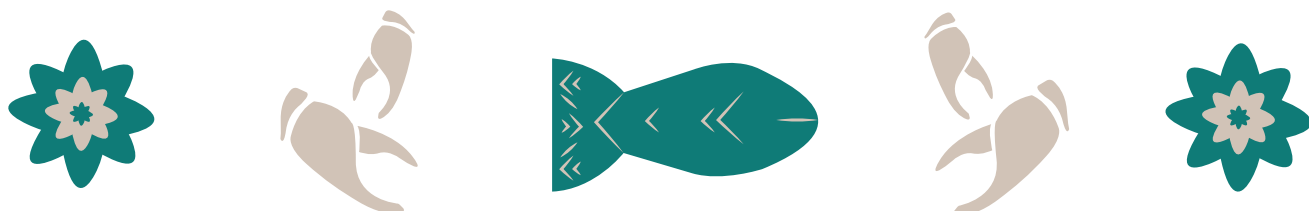
(Assilene, 58 anos, Pontal)



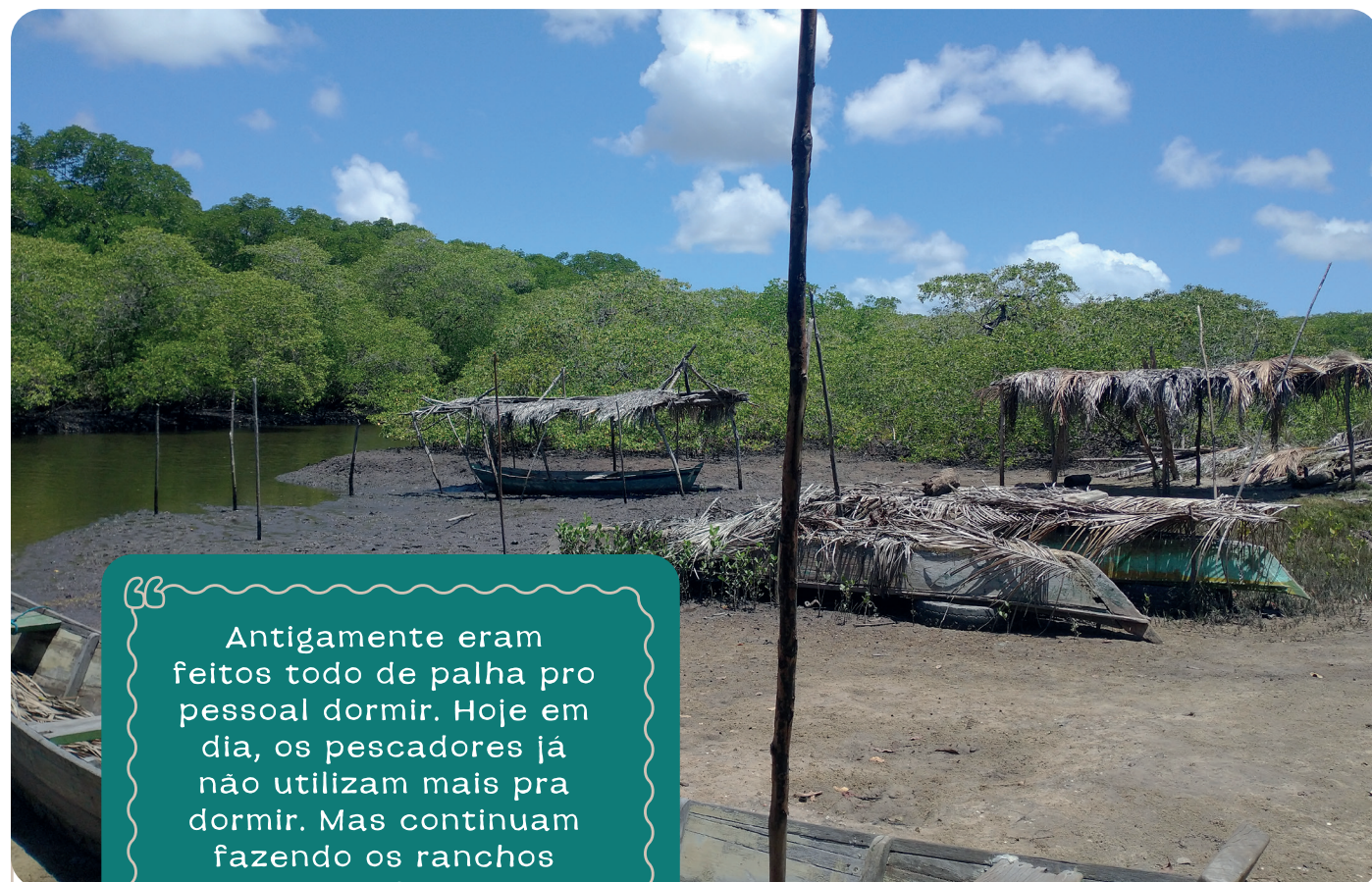
Entre nós,
sempre
existiu
marisqueiras
parteiras...

“ Era duas parteira que tinha aqui, a minha mãe e a mãe de compadre Jorge. (...) [em um parto] minha mãe disse: ‘minha madrinha, essa mulher não vai despachar aqui não. Minha madrinha, não vai!’ Teimou, teimou, viu? Quando viu que chamou o carro, levou. Quando chegou lá, a parteira da maternidade disse assim: ‘que foi que a senhora viu nessa mulher vindo que trouxe praqui?’ (...) Aí ela contou que era verdade, ela não ia despachar em casa não. A minha mãe não sabia ler, mas ela tinha até vontade de pegar um trabalho na maternidade. Mas ela nunca chegou a isso, né? Não escrevia, não lia, né? (...) Foi dezessete filhos de tempo. Foi tudo aqui. Só teve dois que foram na maternidade. Era ela que pegava... Na semana santa, dizia assim: ‘hoje é semana santa, minha fia’ (...), chegava tanto fio que ela pegou. A minha mãe ganhava presente desses menino, viu? É... ganhava de todo canto.

(Dona Marilu, 72 anos, Muculanduba)



... e os ranchos antes nos abrigavam.



Antigamente eram feitos todo de palha pro pessoal dormir. Hoje em dia, os pescadores já não utilizam mais pra dormir. Mas continuam fazendo os ranchos pra guardar suas embarcações. (...) Então a gente continuou com os ranchos, mas não mais como era, porque a gente tinha os ranchos pra dormir. Passava dois, três dias. Fazia aquelas barracas na beirada do porto e passava dias e voltava pra casa só pra levar o pescado e retornava pro rancho. E tinha muitos que praticamente morava lá na beira do rio.

(Cristiane, 36 anos, Muculanduba)

Rancho, Rua da Palha.

Caranguejo, Pontal.



Porque aqui a gente vê que foi um sofrimento de cada mãe que passa, né? Aqui pelo menos a gente tem a maré, a gente pode ir buscar alguma coisa pra comer... e lá fora, a gente vai achar o que pra poder comer? Às vezes você pega até do lixo, né? E aqui é um paraíso, tem tudo.

(Ingrid, 24 anos, Pontal)

Quando eu digo que o Porto do Mato consegue, no verão, dar cinco toneladas de aratu, é porque os mangues é grande daqui, entendeu? Diminuiu muito... vamos dizer que, há dez anos atrás, saía mais tonelada, mas hoje eu garanto que por mês sai três tonelada. Porque muitas também já se aposentaram, né?

(Arlene, Porto do Mato)



Sururu pronto para comercialização.

A cada, acho que, três meses, né? Mais ou menos. Óbvio que a gente foi na quaresma, nossa... pegamos muito marisco. Recentemente a gente foi de novo e a gente tira ali de marisco, eu acredito que na semana, de 15 a 20kg de marisco. É o aratu, é o siri, é o caranguejo, é tudo, é muito rico de marisco.

(Valda, Ouricuri)

Nosso povo aprendeu a viver na fartura!

Das encantarias e causos pelos manguezais...

A Mãe d'Água. Numa pedra que tem aqui atrás. A pedra só seca, ou só veem essa pedra com a maré bem seca mesmo. E ela não seca. E quando a Mãe d'Água tava, aí ela ficava cantando dentro, debaixo da pedra. Fazendo barulho debaixo da pedra.

(Iraci, 48 anos, Ouricuri)

Às vezes a pessoa vê o que já aconteceu... eu já vi, sim, num porto da gente na época. Eu tava esperando a maré baixar, quando o cabra carregava um toco de pau assim. Mas também lá não fui olhar, vou olhar o quê que não me interessa? (...) porque ele disse que era pescador antigo. Daqueles antigos, que morria e ficava a visage. Quando foi no outro dia, que eu passei olhando o cajueiro, que pau que nada. (...) É dito pelos mais velhos, quando a pessoa vê isso é não xingar. Se xingar já sabe, né?

(Seu Zê, 60 anos, Ouricuri)

A caipora me enganou aqui. Esse mangue aí alto, esse mangue lá alto. Eu esperando alguém chegar pra me acudir, ninguém chegava. (...) Porque na verdade é os encantados, né?

(Arlene, Porto do Mato)

Você sabia como é que a gente fazia pra caipora não enganar a gente? Vestia a camisa aos avessos... virava ao avesso ou, então, andava com uma casca de fumo no bolso, aquele fumo de rolo.

(Careca, 42 anos, Porto do Mato)

“

É maravilhoso! Eu me sinto orgulhosa, né, minha fia? Porque eu trabalho pra mim mesma, nós mesmo, eu trabalho pra nós! Nós somos donas de nós mesma... Meu pai disse assim: que a gente não devia ir pra casa de ninguém, porque, assim... que a gente não podia confiar, o que eles podiam fazer com a gente, porque a gente sendo negra, né? Ia ser escrava. Então eu fiquei nesse batido. Eu mesmo não gosto que a minha filha trabalhe até hoje em casa de ninguém. Tanto que minha carteira nunca foi assinada. Porque eu dava o dia, trabalhava uma semana, duas semanas... no dia que eu cismava, eu vinha embora, deixava lá assim: 'aqui não é o destino que eu quero'. E, assim, eu fui levando e criei meu fio assim, na beira do rio, da maré. Ele planta a roça pra gente comer a farinha, pra não comprar, plantava milho, plantava o feijão de arrancar.

(Iracema, Pontal)

”

“

E na cidade grande sempre trabalhava, porque é difícil, pois tudo lá é comprado. E aqui, no tempo de fruta – manga, jaca... –, tudo no mundo dá! 'Rapaz, tem jaca lá, vá buscar'. Tudo aqui é mais fácil... ói, o dinheiro é bom numa parte, mas na liberdade, não. É isso que eu digo: a gente aqui, a gente estamos liberto. Liberto! Nós tem a nossa liberdade, vai pra onde quer: 'eu não vou trabalhar hoje'.

(Seu Zê, Ouricuri)

”

**Mangue
é liberdade!**

SOMOS MARISQUEIRAS: RAINHAS DO MANGUE, SOMOS GUERREIRAS!

*"A minha pele cheira o mangue.
Eu sou o mangue! Se o mangue morre, eu morro."*
(Nice, marisqueira de Muculanduba).

Somos marisqueiras de seis povoados de Sergipe. O que nos junta no dia a dia é a mariscagem pelos rios Real, Piauí e Piauitinga. O que nos faz semelhantes às marisqueiras de outras regiões é a nossa convivência com e na maré. Aqui, vamos apresentar o que nos torna culturalmente diferentes e porque precisamos do nosso território protegido.

Mãe e filha na maré, Pontal.



A nossa
identidade
nasce nos
manguezais

Manguezal, Pontal.

Sou marisqueira. A família toda aqui, marisqueira. Não tô mariscando o suficiente porque tem minha dor agora, mas eu marisco ainda. Agora mesmo, hoje, tava dizendo: 'mas não aparece ninguém pra eu ir pra maré'. Eu gosto muito de maré. Nasci e me criei na maré. E eu adoro maré.

(Dona Lazinha, 67 anos, marisqueira de Muculanduba)

A importância do rio pra mim é a importância da sobrevivência. Nós, que vivemos aqui na comunidade, porque a gente tira o nosso sustento desse rio aqui, dessa comunidade. A maioria das pessoas dessa comunidade do Ouricuri vive da pesca... sem o rio nós não temos sobrevivência! Porque nós catamos todo o nosso alimento, o nosso trabalho é todo na maré.

(Chica, 52 anos marisqueira do Ouricuri)

É luta, mas aquela amizade com a maré... só acaba quando a terra comer!

(Seu Catu, 90 anos, pescador de Muculanduba)

Não importa muito em que lugar estamos,
desde que seja maré.

Eu nasci em Recife. Morei na praia. Morei na Cidade Nova dezessete anos. Meu pai trouxe a gente pequeno pra Itaporanga d'Ajuda, e eu me considero de Itaporanga porque meu documento todo é de lá. Nós viemos porque minha mãe não suportava o sertão, água salgada.

(...) Meu pai, mesmo pernambucano, minha mãe, mesmo de Laranjeira – que Laranjeira tem maré –, não conseguia ficar fora da maré. Aí começamos a andar por aqui, pra ir pra maré do Carnaval, nós ia de pé. Passava a semana todinha na maré, depois retornava pra Cidade Nova.

(...) Depois meu pai foi e comprou um terreno lá na praia e fez uma casa, na beiradinha da maré.

(Nice, Muculanduba)

Eu fui nascida e criada em Indiaroba, também perto da maré... dependendo da lavoura e da maré. Minha mãe e meu pai me criaram: meu pai é caranguejeiro, minha mãe também. Hoje ela é aposentada pelo rural, pela roça como lavradora, mas ela dependia muito da maré e ela, até hoje – minha mãe tá com 62 anos –, ela gosta muito de pescar... é apaixonada muito pela maré, pelo que o mangue oferece.

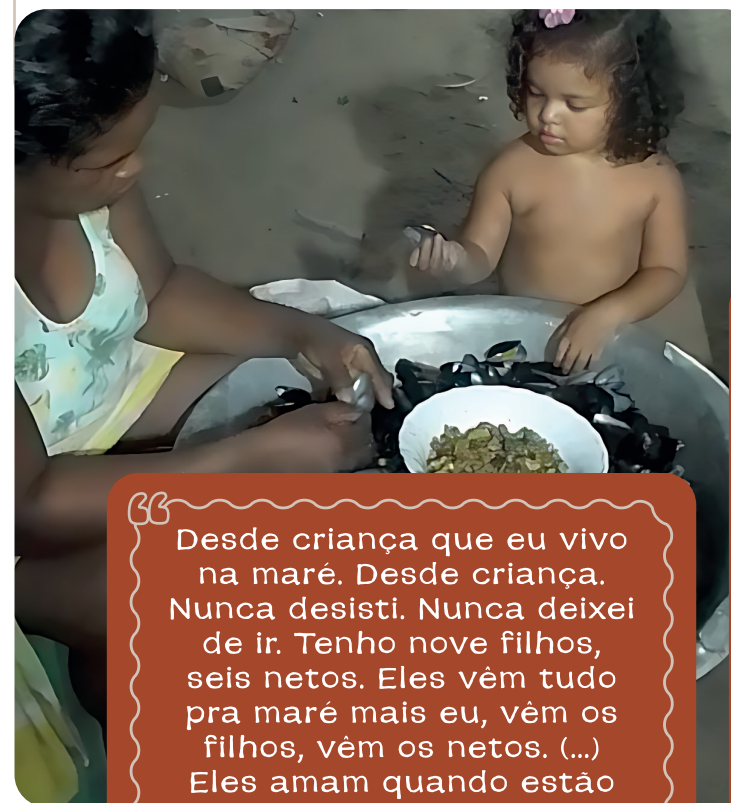
(Gilenilda, 43 anos, marisqueira de Porto do Mato)

O mangue corta nossos povoados.

Quando você passa [pelo] Porto d'Angola, que você chega no Porto da Pedra, então, vai ter um braço [de rio] que vai ligar pro rio Piauí que é pra chegar até Estância. Então, pra você chegar lá, você vai encontrar o mangue da Siriba, o mangue da Batata, o mangue do Valéro, deixa eu ver qual é mais... Mato Queimado. São manguezal que aí divide os povoados. No caso, aqui é Porto do Mato, se fosse aqui mais pra frente já é povoado Ribuleirinha... que vai passando por Muculanduba, Porto da Pedra.

(Arlene, Porto do Mato)

Tia ensinando à sobrinha o trato do marisco.



Desde criança que eu vivo na maré. Desde criança. Nunca desisti. Nunca deixei de ir. Tenho nove filhos, seis netos. Eles vêm tudo pra maré mais eu, vêm os filhos, vêm os netos. (...) Eles amam quando estão na beira da maré. Quando vamos pro barraco passar a semana, eles ficam todos doidos. O de seis anos entra no mangue mais eu, pega um aratu, pega uma ostra. E o de dez anos, ele já tira 1kg de sururu. Ele entra no mangue, tira 1kg de sururu, tira a ostra, um balde de ostra num instantinho.

(Iraci, Ouricuri)

Eu comecei a mariscar com uns oito anos. Eu era pequeninha, eu ia mais minha mãe. Aí, como eu não podia andar com o balde, ela andava com o balde e eu pescando mais ela. Aí butava no saco. Aí, quando era pra sair de dentro do mangue, ela saía com o saco, eu saía com o balde vazio, que eu não podia que eu era pequena. E daí fui pescando até essa data, fui pescando aratu.

(Dona Helena, 64 anos, marisqueira de Rua da Palha)

A nossa vivência se faz de geração em geração.

Meus avós criou meus tios, minha mãe, na maré, desde pequenino. Aí, quando eu nasci, minha mãe também me levou. Eu lembro, uma vez, que eu fui mais o meu avô Catu, minha avó Marilu e minha mãe. Só que, pequena, eu ficava tomando banho e via eles pescando, né? Meu avô ia pescar, jogando a tarrafa nos peixe, e minha avó dentro do mangue, tirando ostra mais minha mãe. E eu ficava na beirada da maré, tomando banho, mas olhando eles e achando aquilo lindo! Doida pra querer entrar, mas eles não deixavam. Criança, né? Podia estar se cortando na ostra, se perdendo no mangue. Ficava olhando só, e eu achava tão bonito...

(Naeli, 23 anos, marisqueira de Muculanduba)

Bota a isca ali, bota a carne, deixa esperar. Pega o jereré e pega... pega o siri e bota ele no balde. (...) Pesca peixe. Bota alguns negócio pros peixe morder e bota o negócio e escavinha pra arrancar o peixe. E corta a tripa, joga a tripa na água e deixa a cabeça pra fora e depois assa o peixe.

(Enzo, 5 anos, Pontal)

Pesca & mariscagem de homem & mulher?

Existe! Porque, assim, a pesca da mulher... hoje elas faz tudo, né? Hoje elas puxa a rede, hoje elas bota camboa, mas antigamente elas não botava. Era só os homens que fazia esse trabalho, mas era porque os homem não dava a vez a elas, né? Mas hoje elas faz de tudo. Elas bota camboa, elas puxa a rede. (...) Mudou, assim, o machismo. O machismo mudou porque, antigamente, eles dizia que esse serviço era só de homem, não era de mulher, não. E aí ficou que isso era só de homem, mas hoje mudou. As mulher faz normal. Não tem isso de pescar uma coisa só não, pesca de tudo.

(Iracema, Pontal)



Os barcos, aqui, você vai pescar tudo: siri, aratu, é o caranguejo, peixe, tirar ostra. Os companheiros ali, um de tarrafa, outro de jereré. É aqui onde a gente tira o nosso sustento.

(Seu Zé, pescador de Ouricuri)



Mãe e filha mariscando, Muculanduba.

A ciência da maré

Observar a natureza foi o saber mais precioso que recebemos de nossos antepassados...

Eu, né? E quem me ensinou? Minha mãe. Quem me ensinou? Meu pai e os avô, né? (...) Nós só alcançou um avô, que morava no Crasto. E aí ele dizia como era tudo, ensinava tudo. Como era que chupava as frutas. Nós só chupava as fruta se o passarinho ruesse, vamo supor: se tinha um pé de fruta, de planta, e ali o passarinho chupou, a gente podia chupar. Se não chupasse, ninguém topasse, porque era venenoso.

(Iracema, Pontal)

Pra fazer esse trabalho, de tirar a madeira de mangue ou madeira na mata e botar na casa, precisa ter um saber específico que nem toda pessoa sabe. É uma ciência que exige um conhecimento que não é somente ir no mangue, tirar a madeira e fazer a casa, é também esperar pelo dia e a hora. Tudo tem a ver com as fases da lua e das marés, senão a madeira, em pouco tempo, fica bichada e estraga facilmente.

(Elieanaide, Preguiça)

... e assim fizemos.

Somos conhecedoras da maré, dos nossos mangues e dos nossos rios.



Marisqueira caminhando pelo mangue, Pontal.

Os tipos de manguezais

Eu conheço três tipos de mangue. É o mangue branco, o mangue vermelho e o mangue manso – que é o mesmo mangue branco. Cada um é diferente do outro. E, na verdade, é somente dois tipo que conheço.

Esse mangue vermelho, se você cortar um pedaço dele, o mesmo deixa uma nódoa bem vermelha nas mãos e na roupa, difícil de remover. Os demais mangues não soltam substância, não fica manchado.

Antigamente, as pessoas usavam o mangue vermelho pra tingir roupa, tecidos e até os panos de rede de pesca – quando eram de cor branca, né? – pra ficarem escuro e os peixes se confundissem e malhassem com maior facilidade.

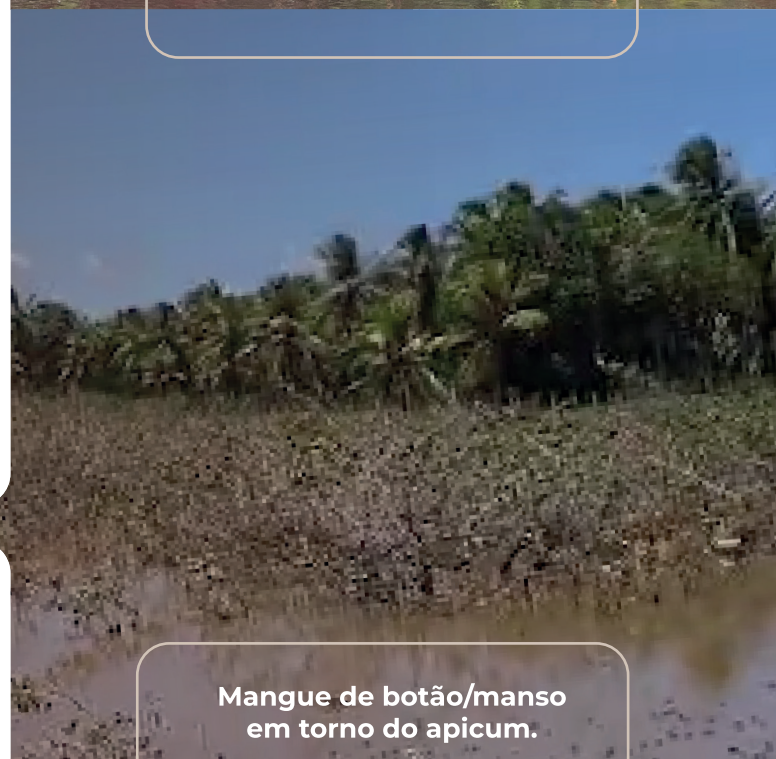
(Elieanaide, Preguiça)

Esse é o mangue de botão, que é o mangue manso, ele bota essas sementes, sementinhas. Ele é muito bom, não cresce não. Ele é balco e é mais frequente no apicum. Dentro do mangue mesmo, naquele manguezal, nós temos o mangue vermelho. Esse é que fica estrondoso, cheio de rama, de baga, entendeu? E a semente dele é tipo um charuto ou uma caneta, tem um biquinho. Não presta pra queimar, não, faz muita fumaça. Quando eu vou cozinhar, eu cozinho com o mangue de botão.

(Deo, Pontal)



Mangue vermelho.



Mangue de botão/manso em torno do apicum.



As diversas mariscagens e pescarias A arte de pegar mariscos

Massunim é na croa, na areia. A gente tira na areia, com as mãos mesmo. Bota numa caixa e vai lavando, na água mesmo, na maré. Depois bota num saco.

(Cleide, Muculanduba)

[Pra pegar aratu] a gente pega um balde, uma lata e vai. Chega lá, a gente amarra uma cordinha na linha, uma almofada na linha e senta e começa a chamar ou cantar alguma música, que eles vêm. Quando tá bom de pegar, pega até de três na linha, mas quando não tá, pra pegar um é o maior sacrifício.

(Jô, 50 anos, Rua da Palha)

E eu tirava caranguejo do mangue, tirava caranguejo do mato. Caranguejo do mato a gente tira com a foice e o caranguejo do mangue não, o caranguejo do mangue... óia, pra ver onde ele tá, você bota o braço, aí vê onde ele tá pra ele não morder: você topa nele e aí a gente vê se ele tá com a boca pra cima ou pra baixo. Se ele tiver com a boca pra cima, ele garra logo, ele agarra na palma da mão. Tira ligeiro que ele morde! Aí quando ele tá com a boca pra baixo, a gente pega logo e puxa.

(Iracema, Pontal)

Gosto de pescar na maré grande, maré escura, que eu pego meus siris covado. Pego tanto com a maré de enchente, como na maré de vazante. Quando chega esse período de maré, eu começo a fazer a minha pesca. Eu faço durante o intervalo de uma, duas horas, e pego bastante siri. Tem dias que pega 105, 120...

(Edinalva, Pontal)

Eu vou pá maré... eu não sou muito boa em pegar caranguejo, eu sou mais em pegar sururu. Eu pego um cano, meto debaixo da lama e só puxar que pega. Fácil! Só que tem alguns que ficam bem lá no fundo. (...) [pra pegar caranguejo] tem que ter isca e vara de pescar, linha de pesca. Você pega o caranguejo pequeno morto e enrola lá. Aí só jogar perto de um caranguejo, quando ele beliscar, você puxa. E tem que tá o balde perto de você, pra você já colocar o caranguejo.

(Brenda, 7 anos, Ouricuri)

Eu deito na maré e durmo e, também, eu tomo banho e pego caranguejo. Assim, minha mamãe mandou eu ajudar ela na maré, todo dia. Eu vou com o meu avô e com minha avó Maria. Eu pego [o caranguejo] com a mão e o siri também.

(Laura, 4 anos, Muculanduba)



Marisqueira pegando siri covado, Pontal.

Porque hoje em dia é na redinha, né? Mas naquela época corria bom... viu que o caranguejo apareceu, chega lá, fincava o pé, aí ele levava os dois pés de terra, outra pancada. Aí é tapando, fazendo esse serviço. Aí quando ele sai, ele fica preso. (...) Eu tinha que buscar a perna aí embaixo, pra bugar. Porque ele não é cabra de ficar na água bungada. E quando ele entra da paciência dele, ele entra devagar pra não bugar. Aí quando ele também sai, também sai com delicadeza, né? Aí vai buscar a foia, come, leva pra posição dele. Lá deixa, mas ele não faz alvoroço.

(Seu Catu, Muculanduba)



Marisqueira catando caranguejo, Pontal.

Tipos de sururu



Sururu de croa ou sutinga, Rua da Palha.

É uma das áreas agora, lá nas comunidades, onde mais teve o sururu sutinga – que é o sururu de água. Porque tem o sururu de mangue e o sururu de croa. O de croa é aquele que a gente precisa tirar os tapasteiros cheio de lama e lavar numa caixa, bater numa caixa com gancho para poder deixar só o bagaço dele.

(Cristiane, Muculanduba)



Sururu de mangue, Ouricuri.

O trato do sururu e do aratu



Desbidogando o sururu, Preguiça.

Eu acho mais difícil de beneficiar o sururu do mangue do que o aratu. Na maré, a gente tira o sururu cheio de lama, depois coloca em uma caixa vazada e lava, lava, até tirar toda a lama. Depois de lavado, é colocado no saco dentro da canoa ou barco e levado pra casa. Chegando em casa, lava novamente na água doce e, em seguida, coloca no fogo em uma panela grande, caldeirão, ou na lata pra um pré-cozimento. Depois desse processo, a gente começa a desembigar ou desbidogar, ou seja, separar o miolo da bagunça que vem da maré, sabe? Já o aratu, a gente vai pro mangue pescar e, ao chegar em casa, no mesmo saco que é trazido, a gente coloca bastante água pra que ele seja sufocado. Quando não é morto assim, é apertado o peito de um por um, pra depois ser levado ao fogo pra ser pré-cozido. Depois desse processo, a gente escorre em um recipiente vazado e, em seguida, joga água fria – pra facilitar que a carne do marisco saia inteira no momento que o aratu for quebrado. Depois disso, o catado é ensacado, pesado e, por último, refrigerado pra comercialização.

(Elleinaide, Preguiça)

A pesca de camboa

Antigamente, a pescaria era camboa. Quando a maré enchia, tava preamar, a gente caia n'água mergulhando pra desenrolar aquelas esteiras todas e emendar uma na outra, antes da maré vazar, pro peixe não sair... aí a gente fazia um chiqueiro, né? Porque todo peixe, quando a maré enche, ele vai pro mangue, ele não fica no meio do rio, ele vai pro mangue, passando no lugar mais raso pra se alimentar.

(Nice, Muculanduba)



Esteira de camboa

É uma piaçava – que a gente até come o coco, é bom demais. Ela bota as palha bem comprida, a gente tirava as tala e meu pai fazia aquela esteira, ensinou a fazer aquela esteira. (...) Ela é como uma esteira grande de você dormir. Só que a diferença da esteira – que eles fazem hoje de taboa – da esteira de pescaria, ela era um dedo, mais ou menos, afastada uma tala da outra. Um dedo. É. Porque assim, é uma estala.

(Assilene, Pontal)

A pesca do caracol

Quando a gente começou a ver o povo pescando de caracol, que é uma pescaria que pesca de dia, três pessoas. E você cai na água também com a maré seca, né? Com um calão da rede. E outra pessoa fica derrubando a rede de dentro do barco e o outro remando. E a gente faz aquele caracol no meio do rio. E aí, depois que termina de sair, o outro desce. Depois da rede, de tudo, desce o outro calão. E o popeiro, que é o canoeiro que tá remando, vai por dentro, onde tá aquela rede fazendo barulho pra que o peixe pegue.

(Nice, Muculanduba)

Cutucando o riacho

Cutucando o riacho é em grupo, né? Quando se junta meus irmãos, minha mãe, meus cunhados. A maré, ela enche, depois ela vaza. E, dentro daqueles riachos, ele não escoia, não sai toda a água. Aí, o que acontece: eles entram no início do riacho – aquele riacho vai até lá dentro do mangue ou até a cabeceira do mangue – e eles começam a procurar nas beirada dos riacho, nos toco, e aí eles começam a cutucar. Às vezes eles percebem que toparam em um peixe, aí eles disfarçam e volta com a mão e aí quando já vão... já vão na maneira de pegar. Porque primeiro eles vão vacilando, como se fosse um peixe também. Aí, quando eles percebem que é um peixe, eles vão e já sabem a posição que o peixe tá e aí pegam. Eles pegam pá mais de saco! Aí entra um grupo de quatro ou seis pessoas dentro do riacho, que é pra não dar espaço pro peixe voltar... cria menino, viu? É um sustento de família e é uma pescaria bem interativa, descontraente.

(Gilenilda, Porto do Mato)

Casseia

A gente tem a casseia, que só é duas pessoas, né? Essa pescaria é sempre à noite... a gente amarra uma boia na ponta da rede e solta de um lado até onde a rede der, e no canal ela fica boiando e pegando o peixe que tiver bom de pegar. (...) Nessa época, é o robalo, é a carapeba, é a vermelha, que são os peixes de fundo. Que no inverno ele sai do fundo e vai pro raso, vai pro mais raso pra poder desovar e se alimentar mais.

(Nice, Muculanduba)

Engano: cerco de rede

Quando ele colocava engano era uma grande festa. Vinha gente de todo lugar para ajudar a mariscar, porque era muito peixe.

(Valda, Ouricuri)



Cerco de rede, Ouricuri.

Pescando carapeba

A carapeba é um peixe que gosta da lama... é um dos peixes mais fáceis de ser pego e que se reproduzem mais próximo do manguezal. Porque a carapeba a gente pesca assim: enfia um pau na beirada do porto mesmo. A gente enfia uma estaca e aí cava, faz um buraco nópé do pau e a gente aguarda. A gente mergulha e a gente consegue pegar as carapebas dentro do buraco do mangue. É a pesca manual da carapeba que são lugares que eles desovam com mais facilidade.

(Nice, Muculanduba)

Quem dita o tempo do nosso trabalho é a maré!



“ Tem que saber o período da maré, porque se a maré tiver grande, a gente não consegue tirar porque fica cheio. Aí a água fica na goela, aí só vai quem sabe mergulhar e nadar, né? E que tem a experiência. Então a gente tira, assim, no período da maré mais morta e a lua fora.

(Ingrid, Pontal)

“ Pela lua a gente já conhece o tempo da maré. Olha pra lua e vê que a lua está boa, até quando a lua está apontando pro pôr do sol, aí a maré já tá subindo.

(Iraci, Ouricuri)

“ É o tempo. Tudo é coisa feita com natureza. Ela enche, ela seca... quando a lua é minguante, a maré também está minguante. Chama maré morrendo. Quando é lua cheia, a maré está grande.

(Seu Zê, Ouricuri)

Nosso dia a dia pelos manguezais

Nós, marisqueiras, vivemos da maré. Nosso trabalho começa na maré, mas nem de longe por ali se termina. A gente beneficia nossos mariscos e pescados, vendemos no turismo e nas feiras. Catamos mangaba, plantamos, damos diárias em roças e faxinas, cuidamos da casa e dos filhos...

“ A dinâmica da maré depende muito... o melhor horário é pela manhã, porque quando a maré é à tarde, a gente chega muito tarde em casa e fica mais difícil pra cuidar do marisco, né? Então, sempre melhor quando a maré é pela parte da manhã. A gente arruma as crianças, bota pra escola, já vai chegando na casa da outra, chamando, e aí a gente já vai seguindo pra maré.

(Valda, Ouricuri)



“ (...) começamos a chamar a Dona Artemia, que hoje é falecida, mais Dona do Carmo, e começamos a ir pra maré. E passava a semana toda lá. Tirava ostra e passava aqui de pé, porque o trânsito aqui era muito pouco. Só tinha um caminhão de feira. Ai depois meu pai comprou bicicleta pra gente pegar esse pescado e ir pra cidade vender, mais meu irmão...”

(Nice, Muculanduba)

“ A gente sai de casa às seis horas. Dependendo da maré, às seis, sete horas, a gente já tá entrando no mangue, quando a maré tá seca.

(Iraci, Ouricuri)



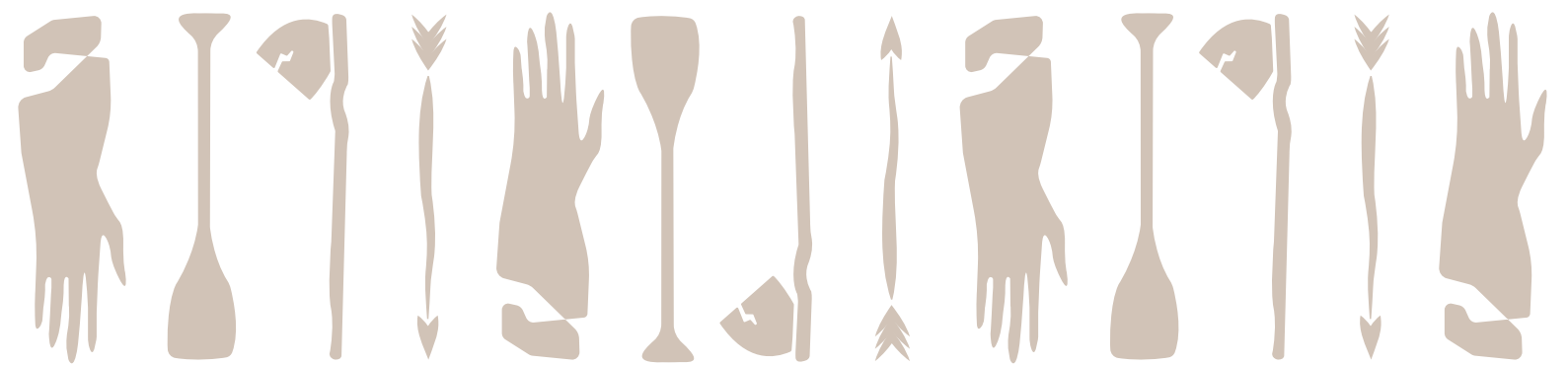
Ao lado, marisqueiras fazendo refeição no manguezal. Acima, marisqueira quebrando caranguejo, Pedra Furada.

“ Nós não vende aquela ruma de marisco que a gente pega. A gente vai vender ao cambista? Não. Ai nós... só fazer ‘x é x’ e eles diz assim: ‘ah, tá caro’. E a gente diz: ‘não, não tá caro não. Você não sabe como é que pega, você não sabe como é que coleta!’ Porque a gente dá valor a gente mesmo, né? Olha aí ó, essa travessia toda pra quando a gente chegar em casa ainda lavar, cozinhar e filetar, me diga?

(Iracema, Pontal)

“ Também tem aquelas marisqueiras que, a gente sabe, é marisqueira, mas elas só beneficia o pescado. O marido, o filho, vai pescar e ela fica em casa. Quando chega, ela cuida do pescado. Mas tem aquelas que vêm também pra prática da mariscagem. Vêm, pesca o aratu, tira a ostra, tira o sururu, ou até pesca de peixe, de rede e, quando chega em casa, ela beneficia.

(Ellenaide, Preguiça)



Dos outros trabalhos de uma marisqueira...

“ Lá onde a gente passou (...) foi plantação do pessoal mais antigo, até minha mãe trabalhou de ganho por dia. Ia limpar as leiras de cebola, era várias leiras de cebola, tomate, alho.

(Dona Teresinha, 65 anos, marisqueira de Pontal)

“ Nós fazia roça, na maré, ganhava dias na roça dos outro também, tudo isso eu já participei... Eu cavava buraco de mandioca, cavava até melão, milho, feijão, amendoim, prantei abacaxi.

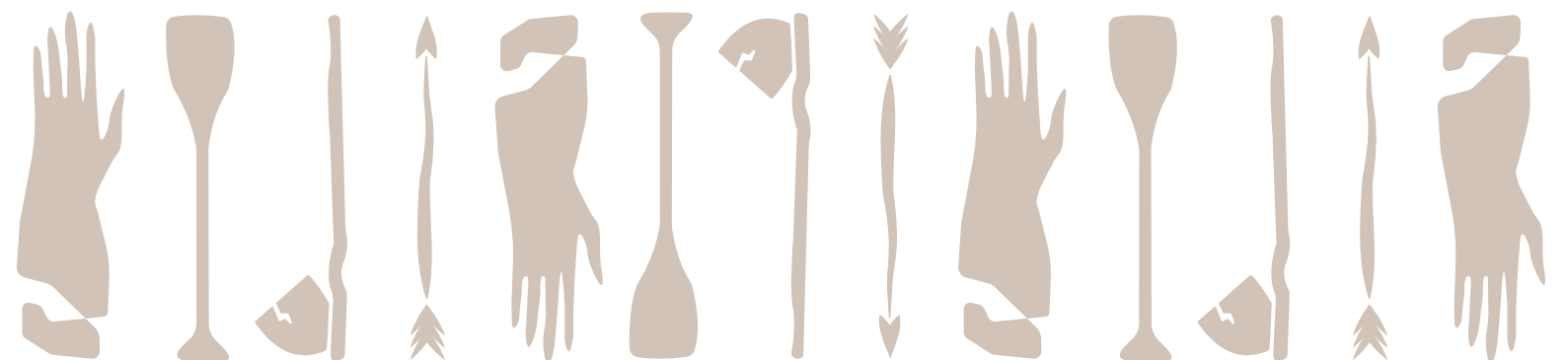
(Seu Catu, Muculanduba)

“ Minha fia, se eu contar minha história... eu, desde os sete ano, que eu ando pra maré. Eu trabaia, tecia esteira, trabaia de inchada (...) fazendo cova, trabaia tecendo esteira, eu ia pegar tábua...

(Unilma, Muculanduba)

“ Não, eu não tenho roça, mas eu dou diária. Quem me procura pra trabalhar na roça, eu vou trabalhar na roça, faço faxina. Não fico parada. Pra sustentar os filhos, pra dar o digno pra eles. Pra eu não pegar nada de ninguém, sabe? Porque é muito difícil, hoje em dia, a gente guiar o filho, sozinha, sem pai. Mas eu tenho orgulho dos meus filhos, são trabalhadores, todo mundo gosta deles.

(Iraci, Ouricuri)



Toda marisqueira por aqui é também uma mangabeira!

Aqui era tudo livre! Muita mangabeira, muita, muita, muita mesmo. Aí, depois, foi quando os donos vieram de Pernambuco... aí começaram a cercar, começaram a proibir a catage da mangaba, aí começou a morrer por lá. (...) A gente catava mangaba, descia ali e vinha com os cestinho por aqui.

(Assilene, Pontal)

Já vendi muita mangaba, já peguei muita mangaba. Só que, outro dia, caiu a safra de mangaba, não tem quem plantava como antigamente. Eu vinha praqui e atravessava de um lado pro outro com meu ex-marido... a gente num dia tirava dez caixotes de mangaba.

(Iraci, Ouricuri)



Marisqueira catando mangaba.

Minha mãe teve quatorze filhos. Morreram oito, e [os] seis filhos que ficaram – em quatro mulheres e dois homens –, todos eles aprenderam o ofício da pesca e desenvolvia pra sustentar as famílias. E aí também tem a mangaba... coletava mangaba, pra ir pra feira vender ou vendia na comunidade mesmo a quantidade que tinha.

(Elienaide, Preguiça)

O mangue também é descanso, alegria e diversão!

Porque a gente só vai pra maré com amizade, com companheirismo, né? Bom demais. Um leva uma galinha, outro leva um peixe, e nós come lá assado, vem comendo dentro do barco.

(Nice, Muculanduba)

Minha mãe falava muito isso, né? A gente ia a semana toda pra maré. Quando chegava dia de domingo, ia pra se juntar, nós éramos doze. Aí minha mãe dizia: 'hoje é dia de ir pra maré, hoje vamo veraneiar!' Aonde? Na maré. Só que a gente não ia trabalhar, a gente ia passar um dia se divertindo, pulando, tomando banho.

(Iraci, Ouricuri)

A maré é pra brincar de areia, tomar banho, descansar. Brincar, tomar banho, descansar e depois dormir. E depois, quando leva comida pra maré, eu como tudo!

(Enzo, Pontal)

Eu sou
muito
feliz
na maré!

(Brenda, Ouricuri)

A lida no mangue também deixa marcas e doenças

Aí eu entro no barco, me sento. Pra mim, eu tô mariscando. Porque é a paixão, né? Eu só vou deixar de ir mesmo quando eu não puder mais com essas perna. Porque o problema meu tudo agora é dores. Tô com astrose nos osso. É bico-papagaio na costela, na coluna... a luta da maré, ela deixa isso, viu?

(Dona Marilu, Muculanduba)

(...) a mancha na pele, a micose do mangue – que é um fungo que têm detrás das unha –, a frieira que é dos animal de dentro, de cobra, de raposa, de guaxinim... Tem a frieira que pega na cabeça quando usa o saco, quando vem com o saco cheio de aratu, caranguejo, que bota, escorre e aí pega uns fungos, bactéria... Tem a cólera, que diz que pega do marisco, que é o sururu, né? O sururu de croa. Tem a coceira também, que é a mesma coisa, tudo é do mangue.

(Iracema, Pontal)

E como nos cuidamos?

Eu tava mariscando e o niquim pegou no meu pé. E minha mãe mandou eu comer folha de mangue e lama que passava a dor. Eu comi... mesmo assim, ficou doendo um pouco. O niquim, o peixe que tem nas costas dele um furozinho, que tem o veneno dele... e aí, esse veneno, quando entra na sua carne, começa a doer bastante, uma dor que ninguém suporta. Mas aí eu comi a folha e a lama e aliviou mais.

(Naeli, Muculanduba)

Tenho muita marca. Já caí, já fiquei atolada, já corri de cobra, já corri de abelha lá dentro também... Se corta? Oxe, eu tenho os dedo tudo marcado por ostra.

(Iracema, Pontal)

Quando nós temos alguma alergia ou alguma micose que cria alguma lesão na pele, a gente usa a planta chamada aroeira, que é dada na área costeira. Aí, a gente faz um chá daquela erva e com ele a gente se banha, passa no lugar lesionado que tiver com a micose. E ela é anti-inflamatória, a aroeira, a malva branca. Tem um antecasco do cajueiro que a gente usa também. Tem uma maneira, também, de quando a gente se corta na ostra, e aí, o que é pra remediar? A gente vai em busca do casco da própria ostra! A gente abre e, dentro dela, a gente consegue raspar com a faca uma massa branca que tem no casco e coloca no corte pra sarar o machucado.

(Gilenilda, Porto do Mato)

Nossos apetrechos para a mariscagem

Quando eu vou pra maré, eu calço meia, sapato, calça, casaco. E aí eu vou lá pro mangue, tirar ostra, na gaiteira mesmo. Aí bota no balde e trás pra casa.

(Lindinalva, 47 anos, Ouricuri)

A linha da pindoba, eu gosto, porque a gente pega a pindoba, faz a linha e coloca na vara. E quando a gente tá pegando os aratu, aí a linha engancha na gaiteira. A gente puxa a linha, aí ela quebra e não precisa a gente descer da gaiteira. E a linha de nylon engancha na gaiteira e a gente puxa e puxa, tem que descer pra desenganchar e aí espanta os aratu. E a linha da pindoba não espanta, porque a gente não desce. Dali mesmo, trepada, a gente coloca outra isca e pega os aratu.

(Dona Helena, Rua da Palha)

Marisqueira na lida do mangue.



Marisqueira pegando aratu.

O **facho**, a gente pega a partir do coqueiro. Lasca ela bem fininha, ajeita ele bem ajeitadinho e, quando acaba, amarra. Aí a gente vai pra maré. Quando chega lá, a gente acende pra ele fazer fumaça, por causa dos mosquito. Porque numa maré dessa agora, de lançamento, sem ele [a gente] não aguenta não.

(Jó, Rua da Palha)



Marisqueira preparada para ir ao mangue.

Aqui, o pano de enrolar os pés pra poder calçar o sapato. Aqui, o sapato do mangue, como é... a gente enrola os pés de pano e coloca os pés aqui dentro. E com o facão também, dentro do mangue. (...) Pega o balde pra colocar, pega a vara, a gente senta aqui – que é uma gaiteira, né? –, assim, dentro do mangue. Amarra uma almofada aqui... joga pro aratu, o aratu pega aqui, a gente levanta e bota dentro do balde.

(Neide, 53 anos, Rua da Palha)



Rede de pesca e outros apetrechos de marisqueiras do povoado Preguiça.



Culinária marisqueira

As nossas saborosas comidas têm, como ingredientes principais, os mariscos que pegamos na maré. Fazemos tortas, moquecas, caldi-nhos, catados... Outro ingrediente famoso entre nós é o leite de coco, do coco que pegamos em nossos territórios. Quando a comida tem caldo, logo misturamos com farinha de mandioca, que nunca falta. Em nossas mesas também têm os doces das árvores frutíferas que encontramos pelos caminhos.

“ O murici de galinha que a gente fala – aquele cheio de cachinho, tá vendo? – (...), então, nós come como uma fruta! Nós chupa ele azedinho, ele fica amarelinho, aí a gente tem vez que pila ele na farinha com açúcar e come (...), é diferente.

(Assilene, Pontal)

“ Na mariscada, a gente só faz se utilizar o catado de aratu, de caranguejo, de siri, camarão, a ostra, o massunim. A gente chama mariscada porque é todos os mariscos juntos. E o coco, né? Tem que ser natural! Não pode ser aquele coco de garrafa, que não dá sabor e nem tem consistência. Então, a gente tem que fazer ele com o coco natural, da nossa terra mesmo. Eu trabalho com a mariscada há muito tempo, todas as feiras eu tô lá vendendo uma mariscadinha. A mariscada é um tipo de culinária de nós, marisqueiras. Ela nasceu da nossa mariscagem no manguezal!

(Nice, Muculanduba)

“ Eu vou falar um pouquinho de um peixe que muita gente não conhece, mas que no nosso povoado, no nosso território, é muito conhecido e as pessoas gostam muito! Ele é comprido e chama camuru. Ele tem muita espinha, mas é uma delícia a moqueca do camuru. Você pega o peixe, limpa ele e você bota no fogo. Ele só fica gostoso muqueado, que é assado e depois feito a moqueca. Com coco natural! Tem que ser o coco natural, porque se você fizer com esse leite derivado que compra... não fica legal. Eu não troco uma moqueca de camuru por nada, só por uma moqueca de moreia que também é outra delícia!

(Xica, Ouricuri)

NOSSO TERRITÓRIO

O nosso território de mariscagem é banhado pelas águas dos rios Real, Piauí e Piauitinga. São dois estuários que se comunicam e juntos seguem para o mar. Nesses estuários, nossas vidas se cruzam. Neles nos encontramos na lida da pesca, reforçamos laços e garantimos a sobrevivência das nossas famílias. Situados no extremo sul do estado de Sergipe, já na divisa com a Bahia, o encontro desses dois estuários e o movimento de suas águas possibilitaram o surgimento de paisagens naturais, de grandes áreas de manguezal, que o nosso modo de vida, de mulheres marisqueiras, ajudou a preservar.

Manguezal no território de mariscagem do povoado Rua da Palha.

“E é assim. É um lugar pra mim que eu considero como sagrado. Essa área aqui de porto, de mangue e de maré é algo que remete muito ao que eu já vivi. E o que eu vivo e eu acredito. Que é o que eu ainda vou viver através desse local, desse lugar de luta que é o mangue, que é as águas. Então é algo que me remete a ter muita esperança através de tudo que eu já vivi e vivo até hoje nesse povoado.”

“

Ai, o mangue! O rio! Principalmente o mangue. O mangue é terapia, é terapêutico. Mangue é aonde você se encontra.

Com o que? Com o que você pode silenciar.

É colocar o seu pensamento ali, naquilo que seu coração até mesmo deseja, entendeu? É onde você pode se encontrar até mesmo com uma realidade que você tá até distante.

Porque o mangue te dá um silêncio, o mangue te dá o prazer de quando você tá ali na lida, na luta. Os seus pensamentos são algo voltado até mesmo para ele, sabe?

Então o mangue te silencia de tal maneira que você consegue chegar até mesmo em um outro lugar. O mangue te leva a isso, sabe? Então é algo que não é doloroso, entendeu?

Pode ser até cansativo, mas doloroso, não. Porque tem a diferença, né? Da dor pro cansaço. Então, não é algo doloroso, é algo prazeroso. Então eu tenho prazer de quando eu estou no mangue, eu me sinto assim, na paz pra mim.

O mangue é terapia.

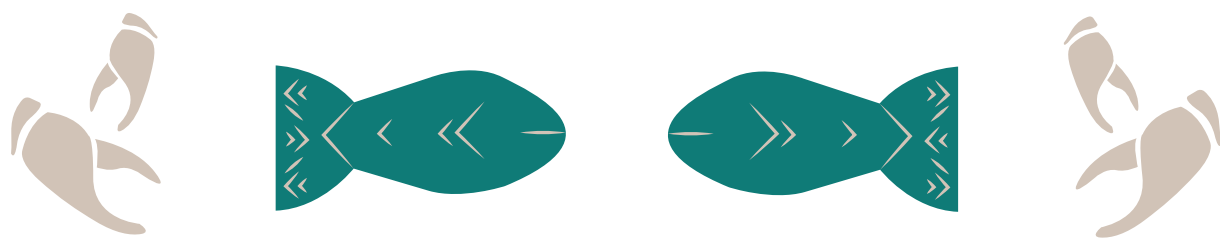
”

“Os berçários são os lugares mais fundos dentro do mangue. Os riachos secam, mas eles, os berçários, ficam. Porque tem riacho que seca, mas a quantidade de água fica... quando você passa, vê no joelho, na cintura, mesmo com a maré seca. Então, ali são os berçários onde muitas espécies de peixe, que gostam da lama, se reproduzem.”

O mangue é berçário...

Manguezal, povoado Preguiça.

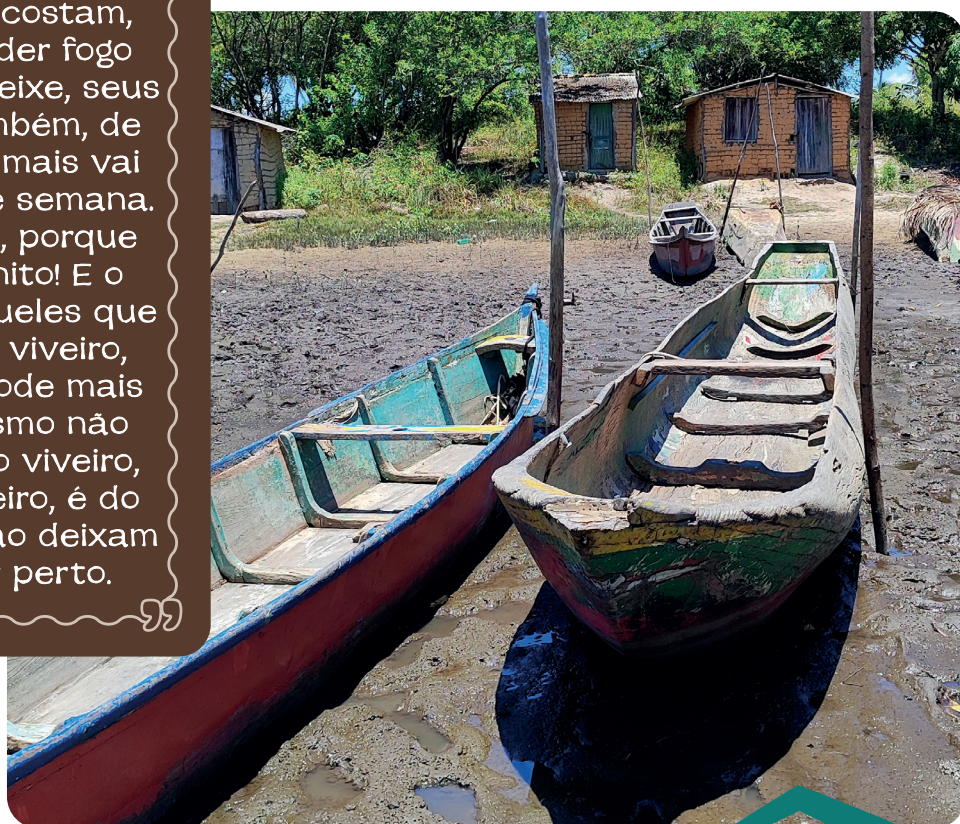
O berçário é onde vem a espécie dos peixes que vêm desovar... quando a maré está cheia, a gente vê as larvas, entendeu? Não é em todo o mangue! Tem aqueles córregos, assim, que a gente chama riacho, e que quando enche têm a beira do mangue que tem aquelas ribanceiras grandes e tem um mangue que deita nas águas. E quando o mangue tá dentro da água, que a maré tá cheia... aí você vê os peixes, ali tudo, aquele monte de olhinhos. Aí três, quatro dias, você vai identificar qual é o tipo de peixe. Aí tem o camarão, tem a carapeba, todos, todos o tipo de peixe.



Nós temos acesso a toda essa riqueza pelos nossos portos. Eles comunicam nossas terras e criam o nosso maritório: **território das águas**.

O porto habitado é aquele porto que todos os pescador encostam, que pode acender fogo pra assar seus peixe, seus mariscos... e também, de agora, é os que mais vai gente no final de semana. Vai muita gente, porque é um porto bonito! E o desabitado é aqueles que ficam perto do viveiro, que você não pode mais encostar – mesmo não sendo dentro do viveiro, da terra do viveiro, é do lado, mas eles não deixam mais encostar perto.

Porto da Ponte, Rua da Palha.



É um porto que me dá muita alegria! Quando eu me lembro, traz boas lembranças e que, hoje, eu não tenho acesso a ele. Esse porto... ele é um riacho que vem e traz o barco até o pasto, né? O coqueiral é ali, muito bom, né? Quando a gente chegava, a gente podia sentar, a gente podia pegar um coco no chão e partir, e comer ali... e hoje nós não temos mais acesso, nem o livre arbítrio de chegar e sentar ali. Pode ser surpreendido por um suposto dono, que chega ali e, de repente, aquela licença que ali foi liberada pra ele nos tanger ali, nos dispensar dali.

Eu acho, assim, que os portos... eles são algo muito bom pra nós! Que, quando a gente perde o acesso a eles, meio que a gente quebra as pernas, porque quando vem uma segunda pessoa, uma terceira pessoa, e toma aquele espaço de nós... porque, pra gente chegar até o mangue, a gente tem que acessar o porto e, quando a gente perde o acesso ao porto, a gente perde uma grande coisa. Pra gente estacionar a embarcação – que, no caso, não tem, né? Mas eu posso ter, eu posso ir com um vizinho que tem, e a gente vai ter que estacionar em um porto – e nós não temos acesso a esse porto. Agora, pra mim, grande importância na nossa área são os portos.

Porto de Olina, povoado Porto do Mato.



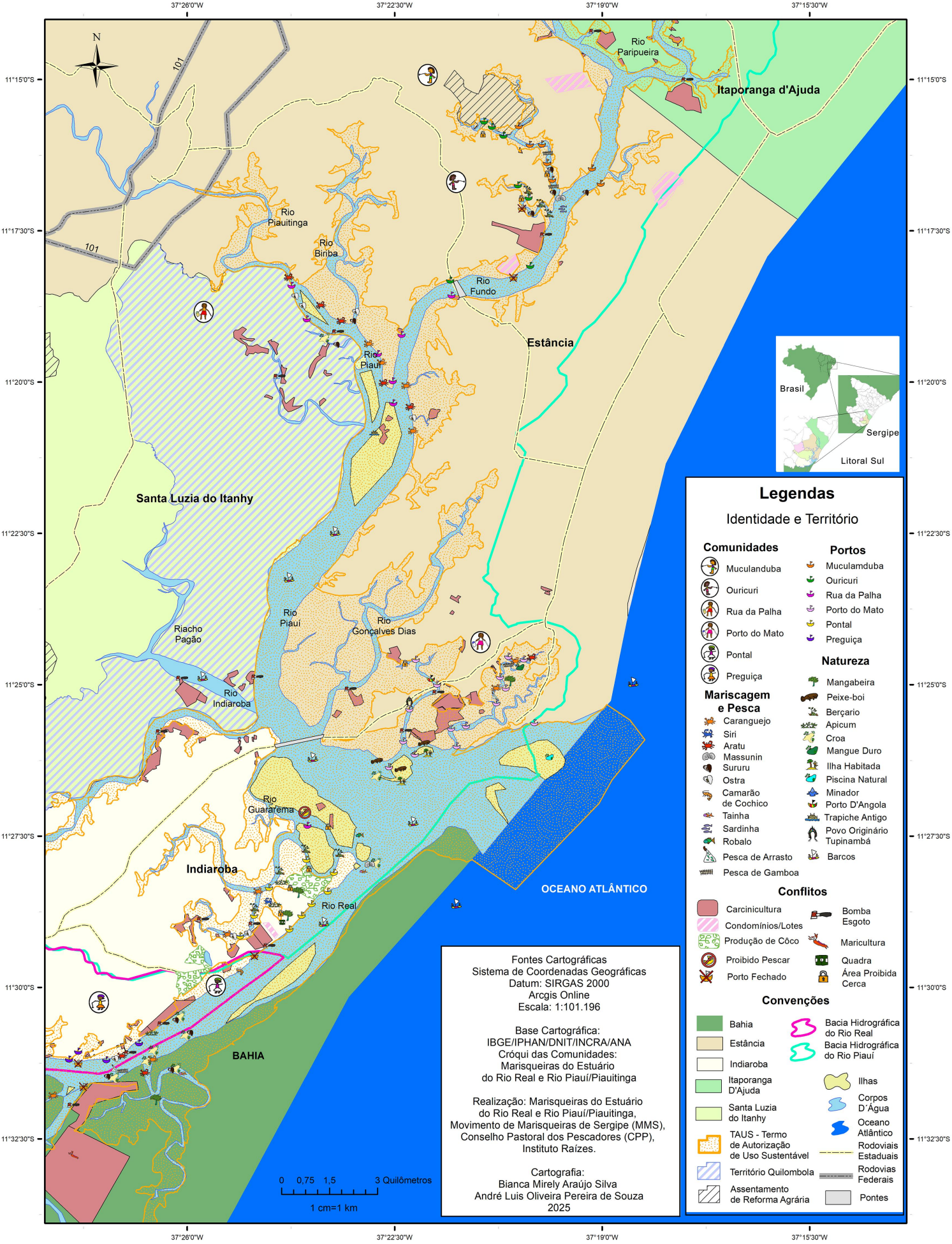
mariscos & pescados

De ostra, aratu, sururu
de dedo, a lambreta, o
siri do mangue – porque
tem duas espécie, tem
o siri do mangue e o siri
do rio. A única coisa
que a gente não tem de
duas espécies é o aratu.
O caranguejo a gente
utiliza duas espécies,
porque o pessoal nunca
chama o guaiamum de
guaiamum, só caranguejo.
É o caranguejo uçá e o
guaiamum.

MAPA

dos territórios de mariscagem dos povoados Ouricuri, Muculanduba, Porto do Mato, Rua da Palha, Preguiça e Pontal – Litoral Sul de Sergipe –

Protocolo das Águas: Territórios de Marisqueiras do Estuário do Rio Real e Rio Piauí/Piauitinga Litoral Sul de Sergipe

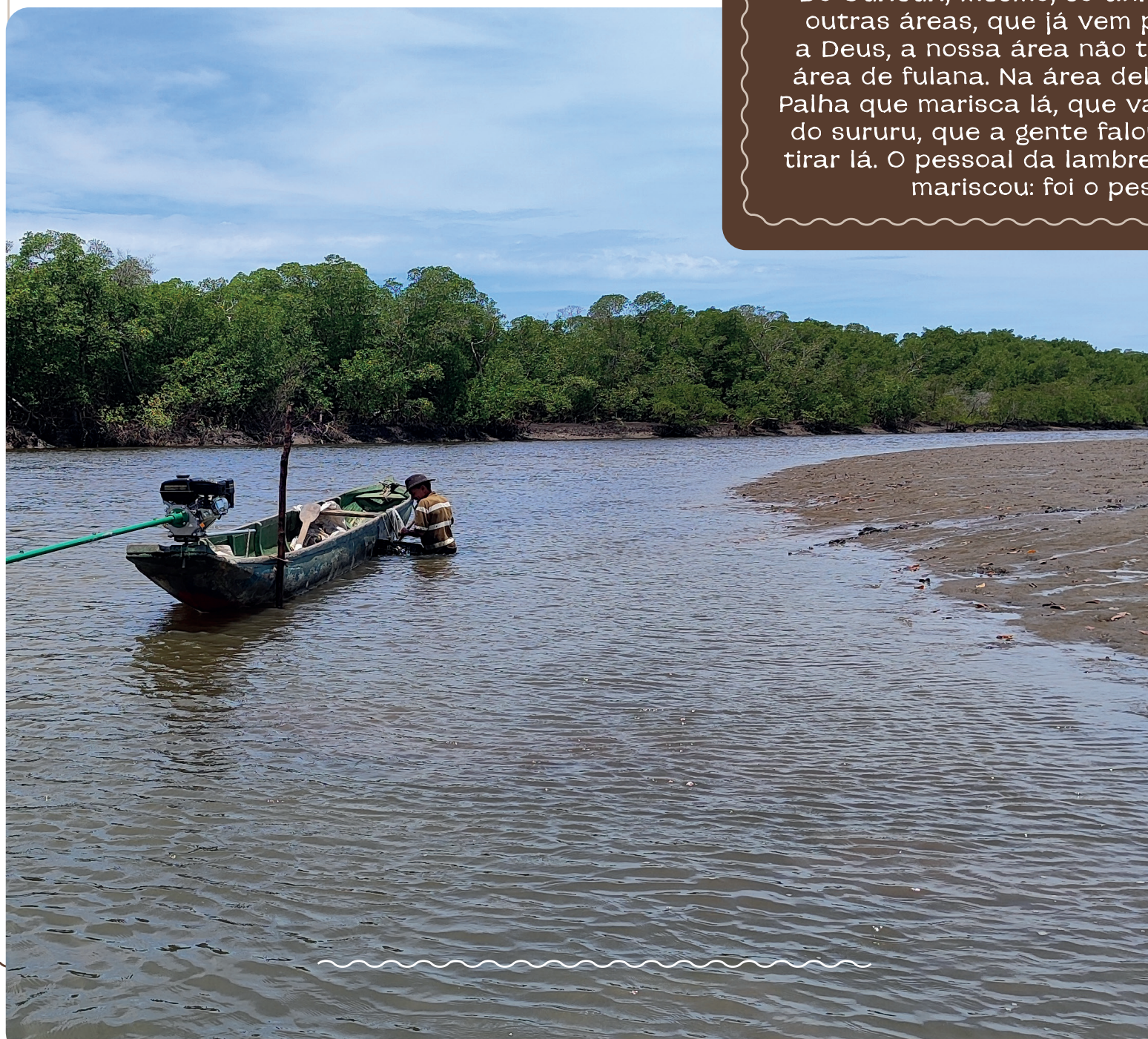


São tantos portos que não cabem todos no nosso mapa! Durante a construção de nosso mapa, conseguimos visitar **45 portos habitados e 21 portos desabitados**. Dentre eles, os principalmente habitados por nós, mulheres marisqueiras, são: **Porto do Gringo, Porto do Papagaio, Porto do Dionísio e Porto do Gravatá (em Pontal); Porto do Barro, Porto da Estacada, Porto da Pedra d'Água, Porto do André, Porto do Ouricuri e Porto do Mudo (em Ouricuri e Muculanduba); Porto dos Cavalos, Porto d'Angola, Porto do Avaú, Porto da Prainha e Porto do Bernardo (em Porto do Mato); Porto da Ponte, Porto do Coqueirinho, Porto dos Caranguejos e Porto das Capivaras (em Rua da Palha); Porto da Preguiça — atual Porto Pastor Luciano Cardoso —, Porto do Mangue Pai João, Porto João do Lírio e Porto do Barro (em Preguiça).**

Além do mangue — rico em aratu, ostra, caranguejo, siri de mangue, sururu de pisote... —, as nossas **croas** são locais de estuário que concentram boa parte do nosso trabalho na mariscagem do sururu de croa e do massunim.

As principais croas nos estuários dos rios Real, Piauí e Piauitinga onde gostamos de mariscar são: **Croa do Cerco e Croa do Rio de Dentro (em Pontal); Croa da Pedra d'Água, Croa do Porto do Ouricuri e Croa do Mudo (em Ouricuri e Muculanduba); Croa da Costa da Lama (em Porto do Mato); Croa da Boca da Ponte (em Rua da Palha); Croa do Lastro, Croa Dois Irmãos, Croa do Beijinho, Croa Maria Dias, Croa da Boca do Rio e Croa do Massaranduba (em Preguiça).** A destruição das áreas de mariscagem tem feito com que nos encontremos nas croas que ainda resistem à destruição. O estuário e a mariscagem são nossos elos de comunicação.

Croa Maria Dias, Preguiça.



Eu acho que as marisqueiras de Muculanduba ainda mariscam mais na nossa área do que nós na dela. Porque, na nossa área, tem muito mais vindo o pessoal do lado de lá, da Muculanduba e do Farnaval, do que da nossa área pra lá. Porque, outro dia, nós foi — as meninas do Protocolo até vieram aqui no dia da assembleia — e, (...) por incrível que pareça, parecia que naquele dia abriram as portas dos portos, mandaram os barcos tudo pra lá. E chegou eu, a minha irmã, a minha prima, de barco, e a gente olhou pro lado e chegou a Luzia com barcos, tinha mais cinco. Aí, eu falei 'é hoje que nós vamos ter que dividir'. Não deu muito tempo, chegou mais um. Quando a gente olhou pro lado, tinha cinco barcos do nosso lado — ali, naquela área da Pedra d'Água que vocês visitaram —, tinha cinco barcos mariscando. E não é da nossa área, ali do Ouricuri, que a gente conhece. Do Ouricuri, mesmo, só tinha Luzia. Os demais é tudo das outras áreas, que já vem pra nossa área porque, graças a Deus, a nossa área não tem ainda impacto igual tem na área de fulana. Na área delas tem muita gente, da Rua da Palha que marisca lá, que vai pra lá, muita gente... Na época do sururu, que a gente falou, o pessoal da Rua da Palha ia tirar lá. O pessoal da lambreta, do massunim, foi quem mais mariscou: foi o pessoal da Rua da Palha.

**... da
diversidade
de vida que
encontramos
na maré!**

*"Vamos abrir a roda,
enlarguecer, que pescado e
marisco de qualidade
nós temos pra oferecer!"
(Iracema, marisqueira de Pontal).*

AS AMEAÇAS AO NOSSO TERRITÓRIO E AO NOSSO MODO DE VIDA

Embora nossas histórias nesses territórios tenham começado há muitos e muitos anos — quando nossos avós começaram a ocupar essas beiradas de maré —, percebemos que, ano após ano, o manguezal vem sendo destruído, os caminhos e portos fechados, as matas derrubadas e nossos direitos violados para atender aos interesses do capital.

Placas de Licença Ambiental e Propriedade Privada, estuário do Rio Piauí.



“A gente vê que eles botam aquela licença ali, mas eles também têm um limite que eles não respeitam! A gente esteve no Porto da Prainha, esteve no Porto de Olina, e ali eu pude ver caminhos que eu trilhava com os meus filhos outrora: eu andava, passava por perto de abelha e a abelha não me atacava assim, como o homem hoje tá me atacando, como pescadora. E aí, eu vi caminho que eu caminhava antes que eu não podia andar naquele dia, tinha cercas, tinha outras coisas que nos impedia de passar por ali.”



A luta pelo território tradicional pesqueiro: garantia do modo de vida e a preservação dos mangues

“A maré não chora, coitadinha, porque Deus não deu o consentimento!”

(Seu Jonas, pescador de Ouricuri).

Queremos nossos territórios tradicionais de mariscagem livres da carcinicultura, da especulação imobiliária, do petróleo e do óleo, da monocultura e das leis que facilitam a destruição dos manguezais, a contaminação das águas e das terras e que não reconhecem nossos direitos! Lutamos pelo território pesqueiro para que possamos continuar existindo, vivendo do nosso modo e cuidando da natureza.

Carcinicultura: mangues, águas e modo de vida sob ataque

Desde 2015, a carcinicultura tem avançado em nosso território de mariscagem. Sofremos com a derrubada e envenenamento dos manguezais, com a contaminação das águas e com a diminuição dos mariscos e pescados. Nosso mangue é berçário da ostra e do aratu, dos peixes e dos camarões, do siri e do sururu, vidas que garantem nosso sustento. **Somos mulheres do mangue, precisamos dele para existir!**

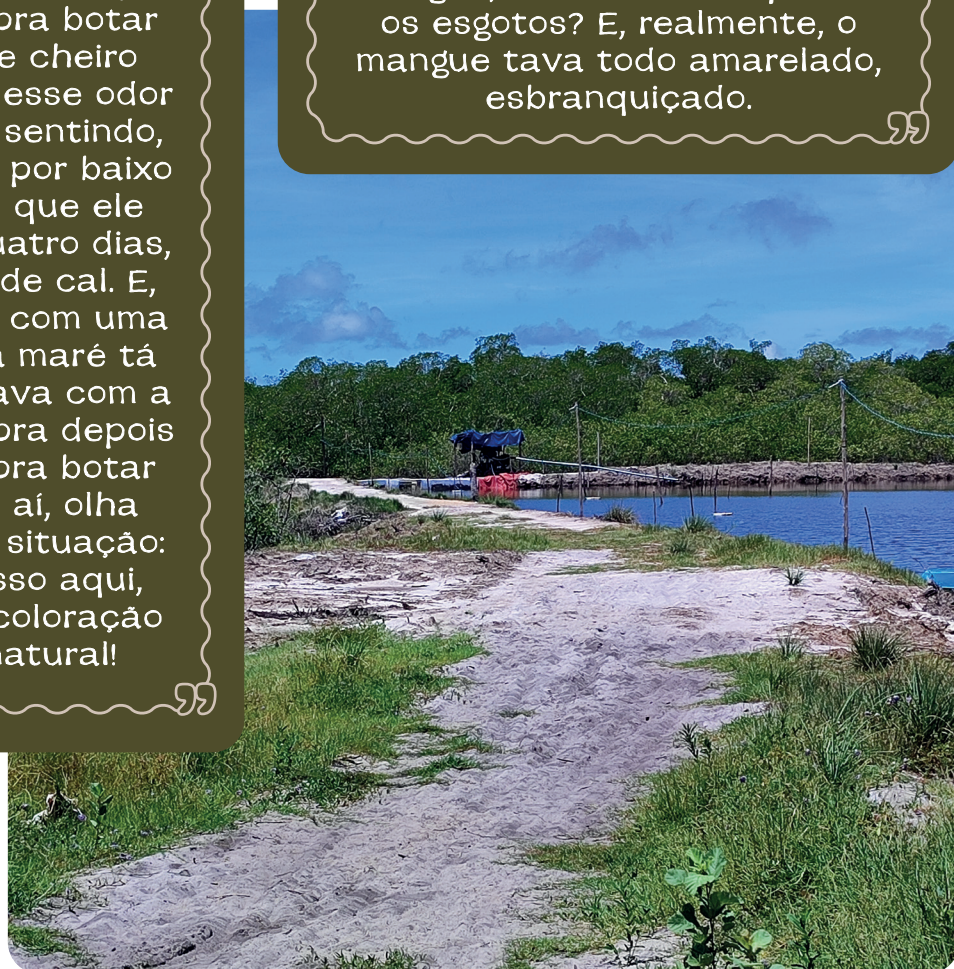
“O que eu espero é que os carcinicultores, as carciniculturas, sejam embargadas! E os nossos manguezais sejam reconstruídos, sejam todos replantados, que é o nosso sustento, que tão nos tirando.”



Estrutura de bombas de captação de água para os tanques de camarão, Ouricuri.

“Aqui é o cal, que vem por baixo da terra. Olha ali também, ô. Destrói tudo. Aqui é o cal. E ele vai embranquecendo o mangue e vai matando o mangue. Tá matando o mangue. Daqui uns dias, o caranguejo, o aratu... o pessoal tá dizendo que já quase não tem mais aratu. Tá vendo como tá branco? Tem pouco tempo que ele passou, tá vendo? Ôi, aonde ele já passou tá amarelo, tá vendo? Ali, ôi, isso aqui é o cal que lava os viveiros, depois que joga nos viveiros pra limpar. Esse branco aí é ele, que passou tem pouco tempo. É porque eles despescaram a semana passada. Então, eles já tão enchendo pra botar as larvas. Esse cheiro horrível que tá, esse odor que a gente tá sentindo, é o cal que tem por baixo da terra. Acho que ele faz de três a quatro dias, que ele enche de cal. E, depois, ele lava com uma água, quando a maré tá enchendo, ele lava com a água, joga fora pra depois botar a larva, pra botar os camarão. E aí, olha como fica essa situação: apodrece... e isso aqui, essa cor, essa coloração aqui, não é natural!”

Viveiro de camarão impossibilitando o acesso ao mangue, Preguiça.



“Porque tá destruindo muito os manguezais. A carcinicultura tá destruindo muito os manguezal. E pra gente é muito ruim, fica destruindo os mangue, os aratus fica pouco, os caranguejos, as lambretas... fica tudo pouco!”

“Ele vai perdendo a coloração, vai ficando amarelo e depois ele morre em algumas partes... outras não, outras se mantém, mas eles devasta muito o mangue e o espaço, também, que tem. Lembra quando aquela professora de Pernambuco veio que a gente pegou o barco aqui no Pontal e passou em frente aonde é Luzomar, onde pega a água, e onde eles dejetam os esgotos? E, realmente, o mangue tava todo amarelado, esbranquiçado.”

“A gente não sabe do que morreu? Nós não sabemos do que morreu? Onde a gente vai, nos mangue que a gente vai, a gente tá vendo que o mangue tá sendo todo contaminado por produtos. A gente não sabia, nem entendia o que era, mas como a gente é nascido, criado e vivido, a gente sabe que não é da natureza, entendeu?”

Além do envenenamento dos manguezais, a carcinicultura tem colaborado para a diminuição dos mariscos: o sururu e o camarão, o caranguejo e a ostra, os peixes e o aratu, têm sofrido com o aumento dos viveiros nas nossas marés.



Sururu e ostra, estuário do rio Piauí.

“Aqui, a gente percebeu que essa mortandade que deu, que ele tá falando... os caranguejos eram enormes aqui! E eles não conseguem chegar ao tamanho padrão, é muito difícil você encontrar um caranguejo depois dos viveiros. O tamanho não ficou mais padronizado, não são mais grandes. Fazia gosto você ver os caranguejos daqui!”

“Nós tinha ostra, sururu... o aratu nós tem, mas tá pouco, tá escasso, por conta desses empreendimentos. E o espaço também: a paisagem já não é aquela mesma! Já tá modificada, tanto que tem muitos manguezais [que] já tá morto. Ali a gente não viu nem aratu, nem caranguejo. Porque, no mangue, quando a gente chega, a primeira coisa que a gente vê? Aratu e caranguejo.”

“Nós sentava aqui, que era cheio de sururu aí, ô... deixa eu ver se eu vejo um. Aqui era cheio de sururu, aqui era cheio de ostra. É porque aqui agora já é um viveiro, foi desmatando tudo, né? Devastou tudo. Mas aqui, ô, quando nós tira uma ostra dessa aqui, ela tá 'pôdi'. É porque eles joga a água ali, ô. Lá também, nós acha as ostra 'pôdi' por dentro. Ela tá viva, mas tá 'pôdi' dentro por conta do químico do viveiro.”

Por aqui, ói, a gente vinha... num instantinho, eu deixava minhas três meninas em casa. Uma com sete anos, as outras pequenas – que foi uma atrás da outra, as minhas duas mais novas. Eu vinha, o pai desse rapaz dizia ‘já vai, né, minha, fia?’. Eu dizia ‘é, seu Luiz!’ Aí entrava aqui, ói, caminhava um pouquinho... nestante eu saía pra fora com uma lata de aratu. E hoje, pra gente pegar uma lata, tem que ir lá pra longe, bem distante daqui. Hoje tá mais difícil. Aí ói, na frente mesmo. Cansei do pai dele mesmo me atravessar. A maré às vezes tava assim, rasinho, aí voltava com mais de lata de aratu. Ele dizia ‘Já, minha fia?’ ‘Já, seu Luiz!’ E hoje, pra pegar uma lata... 2kg no dia, é puxado.

Naquela época não tinha muita marisqueira. Agora tem muita marisqueira! Aí eu vejo a diferença. Porque, naquela época, a gente ia no mangue, entrava, assim, sete [horas]... quando era dez horas, a gente saía com duas latas de aratu. E agora a gente passa o dia todo, às vez, pega 1kg, às vez, pega meio... Aí é muita diferença. Destruíu muito o mangue.

Marisqueira catando massunim, estuário do rio Real.

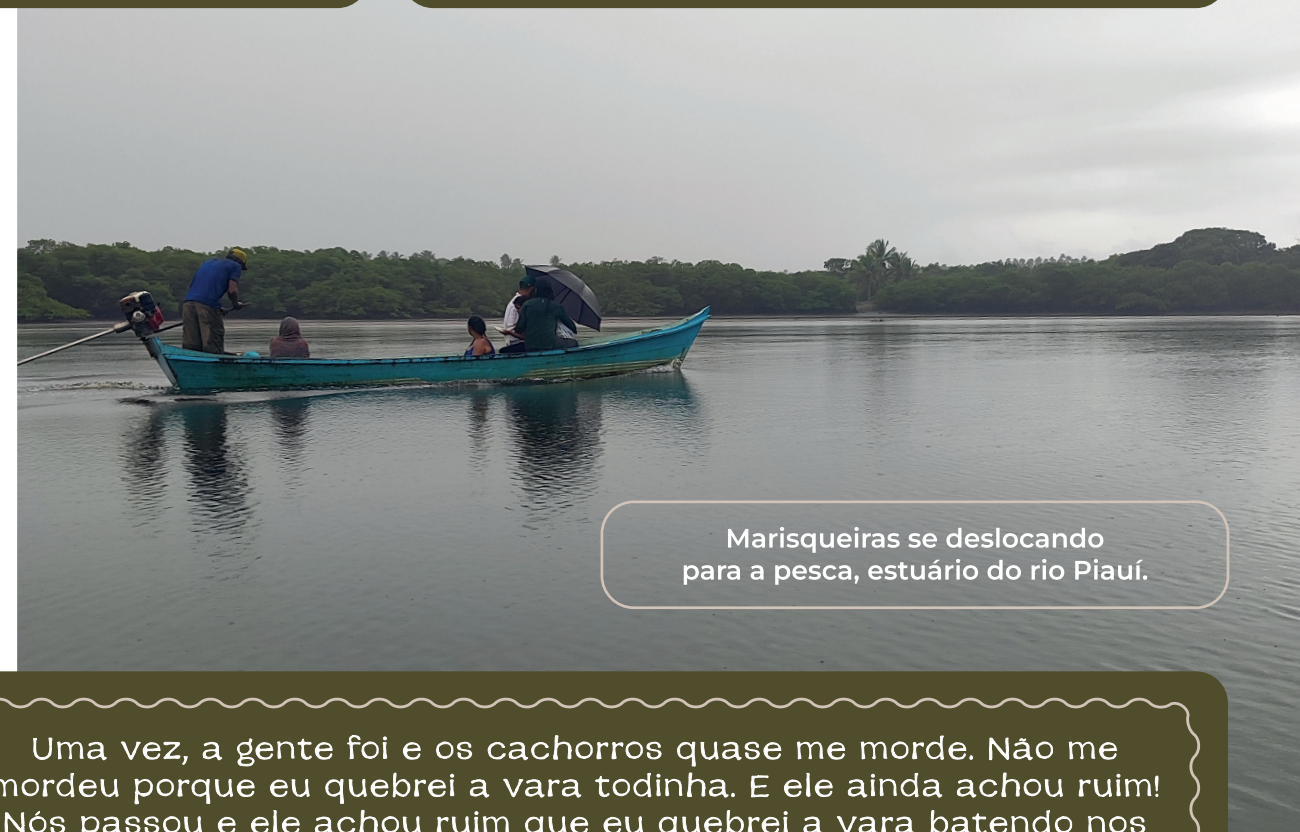
Sexta-feira, o mês passado, eu fui no mangue tirar umas ostra e pegar uns aratu. Quando eu cheguei lá, me deparei com as raízes do mangue... não tinha ostra! Eu fui mais outro adolescente lá, chamei ele pra fazer companhia comigo, e a gente não conseguiu encontrar ostra! A gente tirou quase doze horas, assim, e a gente trouxe... acho que, foi de quatro a oito ostrinha, pequena. Não ostra, mas cascalho mesmo. Porque o que a gente encontrou lá, naquele espaço – que antes a gente encontrava muita ostra ainda, né? que a gente tirava, a gente às vezes até escolhia –, a gente não encontrou nem ostra, só aquele cascalho morto.

Aqui, o ponto essencial, onde a gente pega o camarão de cuxixo... é exatamente onde estão os viveiros. Ali, na rua do Gravatá, é o ponto melhor que a gente tem. Quando dá o camarão de cuxixo, a gente não pode pegar mais, chegar naquele ponto, porque tem os viveiro agora. As bombas batendo espantam e ninguém tem coragem de ir mais pra lá, porque os donos tá pensando que vai roubar o viveiro e tá tudo armado.

Agora, quando começou a fazer esse viveiro mesmo, a água da máquina era preta, ficava preta. Agora não. E fedorenta, num era, mulher? É, no começo, um fedor, quando começou logo esse viveiro. O primeiro foi esse aqui. Aqui morreu o caranguejo, teve muito... em geral, essa morte de caranguejo. Foi dois mil, num foi não?

A destruição dos manguezais e a consequente diminuição dos mariscos e pescados prejudicam o nosso trabalho, nos obrigando a gastar mais tempo — e ir mais longe! — para conseguir mariscar o suficiente e, assim, garantir o sustento das nossas famílias.

Outra coisa que a gente tinha lá na frente, ali na croa, era muito sururu, era massunim... a gente tirava. E, a partir daí, no espaço que tinha antes, não tem mais massunim, nem sururu, nessa croa. Pras pessoa tirar sururu no período de verão, eles tem que ir pra lá, perto de Indiaroba. Então, tudo isso que a gente tinha antes, de fartura – que a gente pode dizer que é de fartura, porque naquele período era –, hoje já nem existe mais.



Marisqueiras se deslocando para a pesca, estuário do rio Piauí.

Uma vez, a gente foi e os cachorros quase me morde. Não me mordeu porque eu quebrei a vara todinha. E ele ainda achou ruim! Nós passou e ele achou ruim que eu quebrei a vara batendo nos cachorros. Aí nega, falou assim ‘só que ninguém não tem perna pra cachorro, não’. ‘O senhor não viu que a gente vinha trabalhar aqui?’ Ele também não falou mais nada, não. Pegou os cachorros e amarrou. Quando nós voltamos, de tarde, tava amarrado.

Outro problema que afeta nosso trabalho é o fechamento dos portos da pesca artesanal, provocado pelos viveiros da carcinicultura e pela especulação imobiliária.



Placa proibindo o acesso a porto tradicional, estuário do rio Piauí.

Esse porto da Pedra d'Água, esse aí, tem o dono, é fulano. Mas, aí... a gente tinha um acesso por trás da maré, mas aí ele fechou até o mangue. E aí, a cancela ficava aberta, só que agora, como ele botou gado, tá sem acesso, só tem acesso pelo rio.

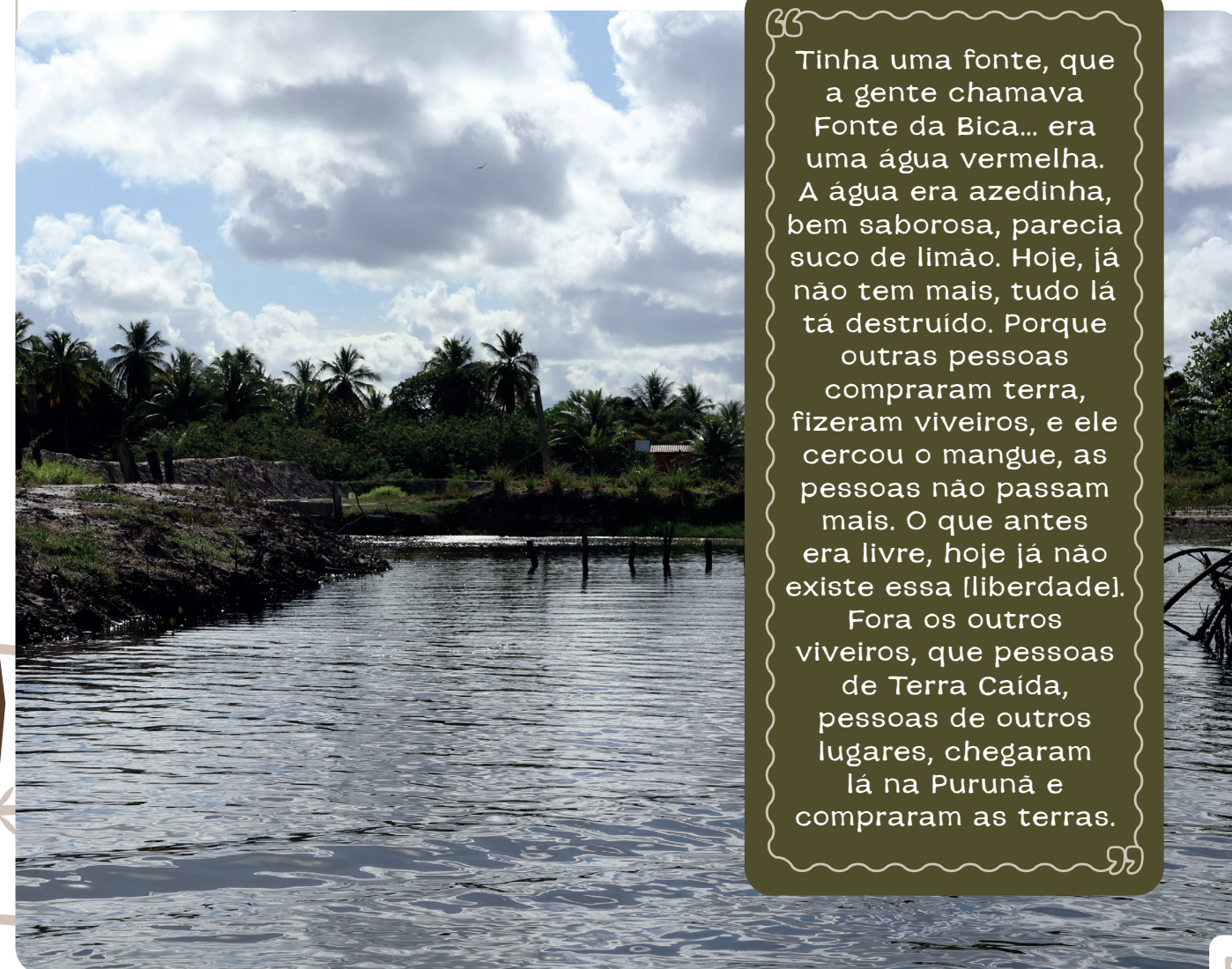
Esse monte de viveiro aí... já tem dezoito. Era só três, agora já tem dezoito viveiro aí. Ele não empata a gente passar, assim... se a gente for abeirando, ele não empata não. Por lá não pode porque tem os cachorros e é valente.

Era fonte pra gente – que era a fonte de lavar, a fonte de beber – e hoje elas tão lá, isolada. A gente luta, mas elas continuam isolada, porque tem dono, né? Encontramos muitas cercas que não tinha; encontramos uma devastação, também, que foi devastadora pra mim... porque era onde nós tinha a fonte de renda, desde meu pai, minha mãe, até minha idade. Tinha o porto do Salamargos que, hoje, ele continua lá, mas é arruado de viveiros. Os manguezal, que é o rio, rodeado de viveiro.

O primeiro porto que a gente passou é um porto que já tá impossibilitado de acesso. Porque alguma família de lá compraram a terra e, aí, transformaram em viveiros. E tem um viveiro que vai do mangue ao outro lado. Aí, a gente deixava a canoa naquele porto e, quando voltava da pescaria, a gente voltava tranquilo... hoje a gente já não passa, porque tem os viveiros. E a gente, quando vem da pescaria, deixa o pescado no porto da Preguiça, que é o porto central, que é o porto principal da comunidade – e mais antigo também –, deixa a pescaria na rua da Preguiça pra levar de carrinho de mão pra casa e volta com a canoa pro outro porto, que a gente já não tem acesso de passar com os carrinhos por conta dos viveiros.

O avanço da carcinicultura sobre nossos estuários transformou áreas de uso comum em propriedades privadas: antes era de uso coletivo, a gente andava por aí tudo. Hoje tem dono.

Cerca dentro dos rios, estuário do rio Piauí.



Tinha uma fonte, que a gente chamava Fonte da Bica... era uma água vermelha. A água era azedinha, bem saborosa, parecia suco de limão. Hoje, já não tem mais, tudo lá tá destruído. Porque outras pessoas compraram terra, fizeram viveiros, e ele cercou o mangue, as pessoas não passam mais. O que antes era livre, hoje já não existe essa [liberdade]. Fora os outros viveiros, que pessoas de Terra Caída, pessoas de outros lugares, chegaram lá na Purunã e compraram as terras.



Placa de Licença Ambiental para viveiro de camarão, Pontal.

A Prainha já traz um nome turístico, um ponto turístico – pros dali do Porto do Mato mesmo, que não vai longe, não vai pra outras praias. Ali mesmo consegue levar sua carne pra seu churrasco, consegue pegar aquela água boa pra tomar o seu banho. E, hoje, esse espaço tá sendo tomado por conta de outras pessoas que tá indo. Eu posso considerar essas placas de liberação como uma das nossas adversárias: ela nos intimida! Moço, quando a gente vai, quando vê uma... parece que as nossas forças diminui. Porque a gente sabe que a gente vai encontrar, ali, alguém que pode nos impedir. E aí, quando a gente procura um alguém pra conversar e eles apresenta aquele documento, aquela placa, aquela licença... ali já é um freio pra nós.

Então, essa é a estrada velha que a gente passava aqui, viu? E não passam mais por aqui. Hoje em dia, nós não passa – mas a principal, velha mesmo, era por lá, ói. Eu tô dizendo que essa é a estrada que a gente passava, que hoje em dia não tem mais acesso. Por causa dos viveiro. Então, aí da beira desse mangue, ali do viveiro, por lá é o caminho antigo. Aí, a gente saía lá no Convento – outra comunidade do município de Indiaroba – e agora a gente não sai, não vai.

Um funcionário ali – do empreendimento, daquele porto –, quando a gente chegou no meio do caminho, a moça disse assim 'o funcionário tá aí e, na hora que vocês chegarem, ele vai bater o fio pro dono'. E, logo ali na frente, tinha um poste, e ela falou que era uma câmera pra monitorar todos que ali passava. E aí, o que aconteceu: a gente não seguiu avante.



Estrutura de viveiro limitando o acesso das marisqueiras ao território.



Placa de Licença Ambiental para viveiro de camarão, Ouricuri.

A gente já não tem mais o acesso que a gente [tinha] e a gente vive nas comunidades. A gente tem a água salgada, mas a gente também tinha o rio doce. E a Muculanduba é uma das comunidades que tá sendo afetada [com] a tal da draga. É a draga que chama? Que tira a areia do rio? E aí, eram rios que a gente usava pra tomar banho, pra lavar roupa. A gente já tem rios doce que a gente não pode mais acessar, porque os donos de fazendas já fecharam. Então, aí, não vamos ter mais acesso a uma água de minante como a gente tinha. A gente não tem mais acesso ao rio, como a gente tinha, porque hoje é cercado, né? E esses rios, eles sempre deságuam nas nossas maré, mas que a gente já não tem mais acesso. A gente sempre foi – o pescador do rio salgado –, mas, aí, sempre foi uma criança que pescava o peixe da água doce... a gente pescava o eiú, a traíra, e a criança tinha a liberdade, criança e adulto, pra ir e vir. Só que, hoje em dia, mais não. E aí, começou ali na comunidade... a gente fala 'a prisão já começa dentro da sua comunidade'. Já não tem mais espaço na sua comunidade! E, quando você sai da sua comunidade, que você chega no rio, onde é um espaço que você deveria ter liberdade... hoje não mais.

O nosso corpo também sente os impactos do avanço da carcinicultura nos mangues. Doenças na pele — que afetam nossos órgãos genitais, por exemplo — são alguns dos problemas que afetam nossa saúde.

“A gente ia pro manguê, nós passávamos aquela terra no rosto porque aquela lama coisa a saúde da gente. Hoje em dia, cê chega no manguê, cê entra... você já sente o cheiro, um fedor estranho! E, quando cê passa, sua pele fica ressecada. E aí é que prejudica a gente, a saúde da gente, porque nós pega inflamação. Aí, nós diz ‘ah, é porque não se lava com tal sabão’, mas não é. Depois que a gente vai analisar o que tá acontecendo, é aquele produto que eles coloca lá no tanque de camarão e desce pra vir pra cá pro manguezal.”

“Eu peguei um fungo num viveiro... essa marca aqui, eu peguei e quase que eu morri. Eu pensei que era um cascalho de ostra e não era. Aí, o homem disse que era um fungo, uma bactéria de viveiro. Se eu não tivesse tomado remédio, eu já tava... ou perdido o pé ou infeccionado o pé, porque ele disse que é terrível.”

“Isso traz uma tristeza e tanto! Muita angústia! Porque a gente não ter os espaço de pesca, os espaço de descanso no meio da pesca... a gente perdeu pro capital, porque isso não existe mais. Tudo que era antes da natureza, tudo antes que era um bem comum de todos, hoje se tornou de uma pessoa, de um proprietário — que não deveria ser, né? Então, isso é muito triste, muito angustiante. A gente se depara com todas essas situações.”



À medida que os viveiros da carcinicultura avançam sobre nossos territórios, aumentam as intimidações e ameaças contra nós, mulheres marisqueiras.

“Fulana acho que lembra, Cicrana foi também, foi. O CPP, o MPP e o Movimento das Marisqueiras fizeram uma visita na comunidade. A gente reuniu, teve mais de 60 pessoas, foi enorme, a gente mobilizou! E, aí, um dia depois, eu fui ameaçada, lá em casa mesmo, dentro da minha casa. O rapaz chegou lá e disse pra mim ter cuidado, porque o fulano de tal — deu o nome do patrão — vinha com tudo pra cima de mim, junto com outros carcinicultores, porque eu tinha levado Ministério Público, tinha levado IBAMA, tinha levado Petrobras, tinha levado num sei quem, num sei quem... tudo mentira! Só foram os movimentos sociais que estavam lá.”

“O homem foi atrás de mim dentro do manguê, né? Eu com o celular e ele foi atrás:”

- O que é que ela quer? O que é que você quer?
- Oxente, e eu não posso ir pro manguê?
- Você não tá vendo que aqui já tem dono?
- Eu nunca vi dizer que o manguê tivesse dono!
- Mas aqui já é área proibida e você tá vendo. Então, você não pode! Daqui pra trás!
- Eu vou passar!

E passei. Fiquei chamando o menino, mas não tinha ninguém não, só tinha eu.”

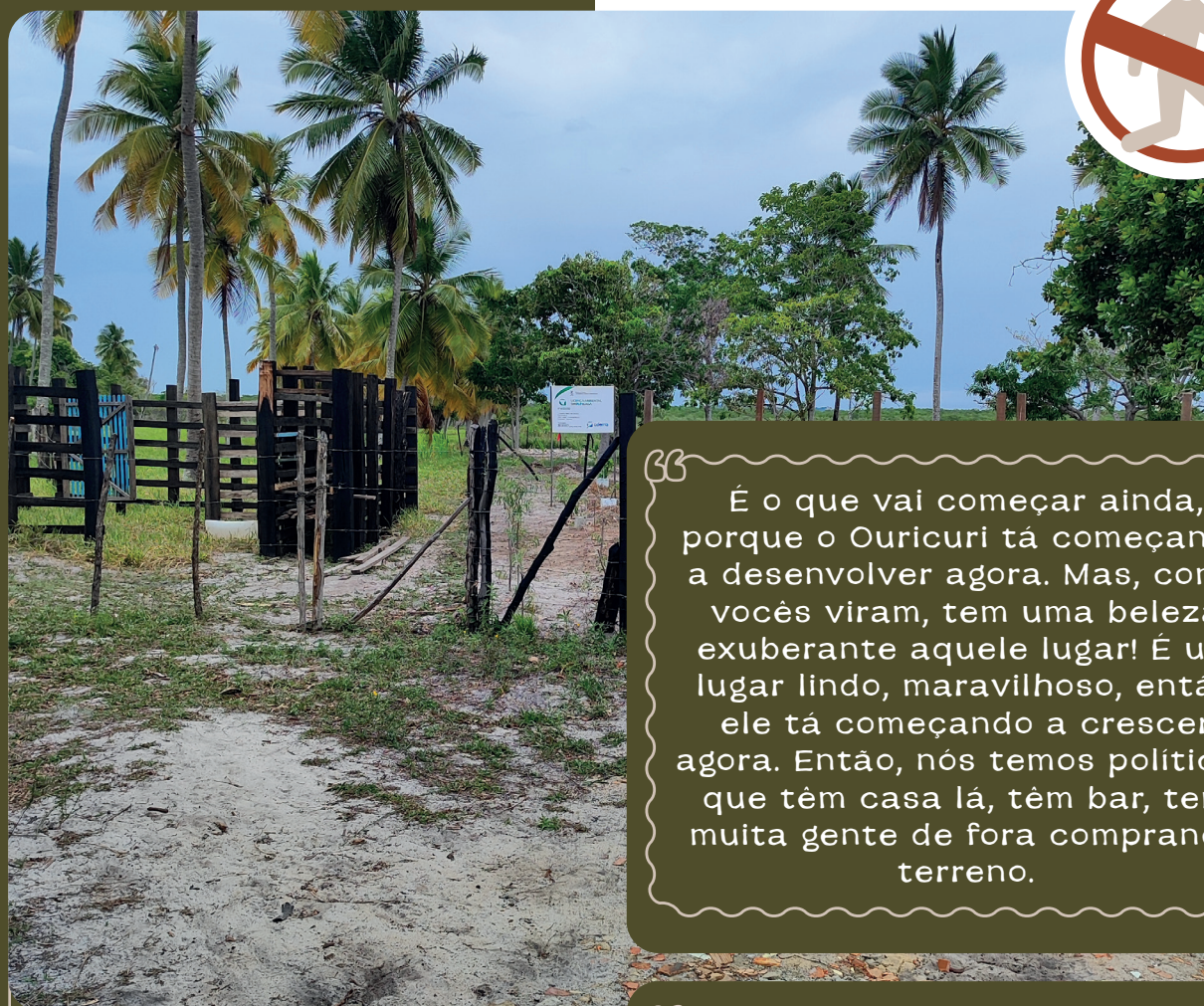
“E ele é tão ousado que, às vezes, até nas nossas reuniões ele comparece. Ele comparece, ainda debate, ele me encara. Ele já falou, ele já questionou algumas falas minhas lá, na associação, em relação aos viveiros. Outro dia, eu questionei. Perguntei o porquê dele participar das nossas reuniões, que não seria cabível ele estar presente nas reuniões... então, ele não foi mais, né? Nas reuniões lá, ele não compareceu mais.”

Restrição de uso do território por empreendimento imobiliário.



Especulação imobiliária:

perda dos territórios de uso comum



Cercas nos caminhos que antes eram de uso coletivo, Pontal.

A venda de terrenos nas beiradas da maré tem dificultado o nosso acesso aos mangues, portos e rios. A especulação imobiliária tenta nos aprisionar dentro de nosso território! Tiram a nossa liberdade e o que antes era de uso comum, agora tem dono.

É o que vai começar ainda, porque o Ouricuri tá começando a desenvolver agora. Mas, como vocês viram, tem uma beleza exuberante aquele lugar! É um lugar lindo, maravilhoso, então ele tá começando a crescer agora. Então, nós temos políticos que têm casa lá, têm bar, tem muita gente de fora comprando terreno.

Ele disse que não é lotear... ele disse que é com um pessoal – uns chineses –, um pessoal que vem de fora. Ele disse que ia fazer uns quiosques, 'meu plano aqui é fazer uns quiosques, tipo um convênio, lá com os chineses, com o pessoal de fora'. Isso [foi o] que ele mencionou com a gente. Eu perguntei se ele ia fazer tanque de carcinicultura e ele disse que não, que o negócio dele era empreendimento imobiliário.

Fizeram uma estrada, aterraram o mangue. Aterraram o mangue, que é, mais ou menos, xô ver... dá uns trezentos metros da terra pra dentro do rio. Eles aterraram, fizeram uma estrada e plantaram até coqueiro dentro do manguezal. Mas eles fizeram a estrada de lá de fora, aterraram mesmo, que fizeram até cerca, como se fosse uma escada: cerca de um lado, cerca de outro.

Tem até placa de que é proibida a passagem porque é área particular, né? Tá lá as placas. Então, a gente só tem um pedacinho de porto que a gente pode acessar agora. E, pra gente chegar no manguezal, uma parte já foi destruída, mode aquele produto que sai do viveiro. A gente já não tem mais acesso. Não tem mais o caranguejo, nem o manguezal conseguiu sobreviver mais, numa área grande que foi destruída. E agora, quando a gente chegou lá, já tinha uma placa enorme – que o dono desse terreno, que dá acesso à gente pro porto, colocou – também, pra vender. E é pra vender aquela área toda! E a gente sabe o que vai acontecer. Se, no terreno do lado, já fez esse viveiro – que não é só um e num tamanho absurdo, e com placa que é proibido entrar –, quando vender esse terreno de cá, que a gente tem acesso pro sururu, pra tudo... o que é que vai acontecer, né? A placa tá lá, enorme, que agora é pra ser vendido. E, aí, a gente sabe que quem vai querer comprar é aqueles que querem a construção de viveiros de carcinicultura. Porque é uma área muito boa e a maioria da área era pra dentro da maré, ali é tudo maré, onde são acesso pra muitos viveiros.

O impacto da monocultura do eucalipto

Onde chega a monocultura do eucalipto, acaba a água: finda poço, seca cisterna... a água some!



Monocultura de eucalipto, Muculanduba.

E ainda colocou os eucaliptos, né? Os eucaliptos é o que mais tem plantação agora. O eucalipto, ele puxa as águas e a gente que sobrevive de poços... a gente sabe que futuramente eles vão prejudicar. Essa área de Muculanduba, até a minha casa, é tudo plantação de eucalipto! O fundo da minha casa é plantação de eucalipto. (...) E a gente sabe que, futuramente, a gente vamos ter um prejuízo grande – ou uma dificuldade de ter acesso à água novamente – por causa da plantação de eucalipto.

Aí, o que acontece: tinha uma plantação de eucalipto (...) e, depois que plantaram aquele eucalipto, a cisterna secô. Não tem mais a água, nem com a bica, nem com a água da chuva durante o inverno. Hoje não tem mais, por conta da plantação de eucalipto. E, lá na chegada, tem os eucalipto, também, que impactou muito, porque lá na Preguiça de Cima tinha um espaço mesmo – como se fosse uma barragem, uma coisa assim – que tinha bastante água. Quando chovia, passava o ano todo com água, a fonte... tipo um açude. E hoje não tem mais. As coisas secaram! Os poços, as cisterna que tinha, secaram.

O impacto do petróleo sobre os territórios de mariscagem

Ainda hoje, anos depois da tragédia-crime que ocasionou o derramamento de petróleo em boa parte do litoral brasileiro — a maior em extensão territorial da história do país, diga-se de passagem —, o mangue tem cheiro de óleo! De vez em quando, ainda aparece aquela borra de petróleo nos manguezais...

A gente teve uma formação com Sicrano e ele trouxe uma questão bem importante pras marisqueiras se atentarem: por que, quando a gente chega nos espaços, a gente fala lá da carcinicultura, a gente fala do desmatamento, mas a gente não menciona o impacto que a Petrobras faz? Então, se a Petrobras, que a gente [não] fala o tempo todo e bate, que tá poluindo, que tá deixando impacto na comunidade e só menciona os outros impactos, então... – vai chegar um momento que a própria Petrobras vai dizer ‘a carcinicultura [é] que tá impactando as comunidades tradicionais, é quem tá impactando... – por que em nenhum momento você traz essa questão, você não menciona e nem aponta a Petrobras como uma empresa que está impactando também?

E, aqui, são as casas fechada que eu disse a você, né? Construíram, casaram e – como achou que não dava pra se sustentar depois da pandemia e do derramamento de óleo – aí, foram embora. Aí tem três casas fechada. Ali tem fulano, que fechou a casa dele também e foi embora.

Aí, quando a gente teve o óleo, que é o gás, aquele óleo, a borra do petróleo... que nós chamamos eles todos pra tirar e ninguém foi. Até hoje, a gente ainda encontra a borra – que elas vêm, sai do mangue, né? Sai de dentro do mangue e elas vêm no meio do rio, aí. Eles diziam que não teve prejuízo, porque o povo disse que o peixe tava contaminado, e nós ficamos sem peixe, sem vender. E foi mesmo! A gente pegava e tava cheio de óleo. Muita gente jogou peixe, muita gente queimou o arredo, mas só que eles disseram, depois, que foi mentira, que era pra vender o peixe.

O cheiro do mangue não é mais aquele cheiro que a gente tinha! Nós gostava do cheiro do mangue, que hoje em dia você entra... um cheiro de óleo – e a sua pele fica bem irritada, né?

○ Zoneamento Ecológico-Econômico do Litoral Sul de Sergipe: as mentiras do desenvolvimento e suas leis

Quando a gente vê o que tá acontecendo em Pontal, a gente vê que o mangue tá sendo afetado, mas não num tamanho tão grande, como [em] Pontal e Porto do Mato. E, aí, é onde a gente começa a observar uma lei que tá sendo criada agora – que foi aprovada pela Câmara dos Vereadores [do município de Estância], que é a lei n° 87/2024, do Zoneamento Costeiro –, que quer fazer a destruição na área de praias ou do mar... Então, hoje, aqui, quando a gente vê, já tá criado, já fecharam tudo! E aí, a gente começa a calcular na cabeça, 'poxa, essa lei que vem aí diz – pelo menos no papel, tá lá dizendo – que os morros de areia até 6m podem ser destruídos pra ser construído o que eles quiserem'.

Aí, a gente fica se deparando: 'poxa, até onde a gente tem que ir? Até onde a gente tem que pedir socorro pra que não aconteça?' Ainda mais [porque] a gente sabe que, se aqui já tá impactado do jeito que tá, quando impactar lá... aqui vai ser muito mais destruído ainda do que já tá.

A gente pensa que a lei que a gente tá correndo atrás pode mudar. Só que, quando a gente olha, a gente enxerga que – quando tem governador, prefeito, vereador envolvido, todo aquele processo – até as pessoas mesmo, os próprios pescadores, se iludem de que aquilo vai ser bom pra gente. A gente só tem a perder! E aqui, no Pontal, vai ser triste porque, quem tá se aposentando – pessoas mais velhas – tudo bem, né? Mas o que mais preocupa é os jovens. Porque, se você for na rua da Mangabeira, 90% dos pescador agora só é os jovens – tanto de meninos, de homens, quanto de mulheres – e quase nenhum quer estudar. E, como diz que aqui é empreendedorismo, tá difícil. Eu não sei se eles vão botar pra correr, como é que vai ser essa situação.

Gente, quando a estrada chegou, veio o viveiro – que foi aquele primeiro, saindo daqui o primeiro, o da Olinda. Foi aonde teve a maior destruição! Quando comprou aquilo ali, que começou a usar o produto que usa... um produto que acabou com o terreno do lado, que tinha as mangabeiras, tinha os pés de cambuí, tinha os pés de murici, algumas frutas típicas dessa região de praia. Destruiu de um lado e destruiu do outro, que é onde é um condomínio hoje.

Essa área, aqui, era tudo mangabeira! Tudo mangabeira que eles já destruíram. Essa mangabeira aqui é tudo nova, e as mais velhas já derrubaram. Isso aqui tudo foi eles que derrubaram. Esses daí já é outros, novos pés que estão nascendo. Interessante, como eles vão se apropriando de algo que é coletivo! E, como essa área já tem uma história de ocupação, eles vão grilando a terra. Eles tão se aproveitando do pessoal daí, mas o povo não entende, nem procura saber.

A destruição das matas

Tão derrubando as mangabeiras, os adicurizeiros e outras plantas. Tão metendo as máquinas dentro das matas e acabando com tudo!

Aqui era a moita de dendezeiro, jenipapeiro, adicuri, mangueira, cajueiro... aqui era uma moita de todas as fruta que tinha aqui. Era uma moita! Aí, um homem comprou e destruiu tudo! Os pé de dendezeiro, tirou pra pôr a cerca. Ele derrubou a moitinha da caipora.

A preocupação maior, em si, é o mangue... mas também tem muitas áreas de preservação, de mata, muitas vezes até árvores medicinais, coisas do tipo, que não existe mais por conta disso: por conta dessa devastação que eles vão lá, derrubam. Por exemplo: a nossa área lá – onde vocês foram recentemente –, a área estava toda recomposta, aí, esses dias, já derrubaram tudo de novo, passaram o trator, derrubaram tudo.

NOSSAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO

Somos mulheres marisqueiras de seis comunidades do litoral sul de Sergipe. Estamos organizadas em grupos de bases e associações de marisqueiras e pescadoras, que são instrumentos de gestão, organização e luta dentro de nossas comunidades. Os grupos de base das mulheres marisqueiras existem nas seis comunidades participantes do processo de construção do Protocolo de Consulta das Águas. Ligados ao Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS), esses grupos são espaços de auto-organização e luta do Movimento nas comunidades. Ademais, as comunidades de Porto do Mato e Ouricuri possuem associação que representam as marisqueiras e pescadores na luta pela garantia dos seus direitos.

Assembleia de aprovação da construção do Protocolo de Consulta das Águas.



O nosso Movimento

*"Vem, mulher lute e emancipe
Somos as marisqueiras de Sergipe!"*
(Hino do Movimento das Marisqueiras de Sergipe).

Cantoria de encerramento do teatro das marisqueiras. Jequiá da Praia, abril de 2023.

Eles, aqui, não conhece muito os movimentos. Eles não sabem, na verdade, quem são as pessoas que estão protegendo eles. Tem isso também, né? Então, aos poucos, é que as pessoas começa a entender o que é o Movimento das Marisqueiras no estado; o que é o Movimento das Marisqueiras na cidade, no município; o que é que as marisqueiras faz pras comunidades tradicionais. O que é que o Movimento também traz pros pescadores, inclusive, e pras comunidades tradicionais. Então, assim... porém, eles são apoiadores. Não sabe o que é o Movimento, mas são apoiadores. Quando você diz bem assim 'a gente tá precisando disso assim pro Movimento', eles contribuem. Cada um de sua maneira, mas eles são colaboradores, entendeu?

(Arlene, Porto do Mato)

O Movimento das Marisqueiras de Sergipe articula diversas mulheres marisqueiras, moradoras de várias comunidades do estado. Ele começou a ser formado lá pelos anos de 2015 e vem crescendo, melhorando sua organização e fortalecendo a luta em defesa dos nossos direitos de mulheres marisqueiras.

**SOU MARISQUEIRA,
RAINHA DO MANGUE, SOU GUERREIRA!**



Detalhe de reunião de construção do Protocolo de Consulta das Águas.

Umas das primeiras importâncias do Movimento das Marisqueiras é conseguir proteger o meio ambiente. As marisqueiras, elas são mulheres que, até pra entrar no mangue, elas pede licença. Pra quebrar uma galha, pra chamar os aratus, inclusive – porque tem esse tipo de ritual, né? Quanto mais você bate folha e cai no chão, mais eles aparece –, até pra isso elas também pedem licença. Não é tirar de qualquer forma, né? Sem contar que, todas as vezes que a gente vai ou pro manguezal, ou pra croa pegar massunim, quem traz o lixo que o povo joga são elas. Hoje, os homens aprenderam com elas a limpar o ambiente no qual se trabalha. Mas, no passado, quando não tinha nossa organização, as praias e os manguezais eram muito sujos.

(Arlene, Porto do Mato)

Outra importância do Movimento é a questão de dar visibilidade ao nosso trabalho de mariscagem. É a questão também das bandeiras de luta que a gente tem, que a gente vem lutando. Além da visibilidade, tem a valorização do nosso produto. Por conta da organização do Movimento das Marisqueiras, já têm as bandeiras de luta que a gente, o tempo todo, tá à frente, lutando pra conquista dessa visibilidade, dessa valorização, mas também da organização em si, porque é uma forma de luta social e popular. [Por]que, a gente unida, vem ganhando espaço e avançando em várias conquistas que o Movimento já teve! E essa organização é importante pra todas as mulheres, não só pra levar a voz da mulher marisqueira, da mulher que tá na luta, da mulher que tá no Movimento, mas também fazer ouvir outras mulheres que ainda não tá nessa luta, nessa organização. Então, isso é indispensável e a gente já vê esses avanços, essas conquistas, né? Não são muitas, mas as que a gente já conquistou vale a pena e são importantes!

(Elienaide, Preguiça)

Se tratando do Movimento de Marisqueiras de Sergipe, é algo grandioso! É algo que eu acredito que vai ficar na história desse Brasil. Começou em Sergipe, estado pequeno, todo formado por mulheres. Mulheres fortes, mulheres guerreiras, que veio trazendo essa força lá de trás, de outras mulheres, que lutaram pra que os nossos direitos de mulher fosse garantido e chegar até onde cada uma de nós chegamos. Eu acredito que é algo que, através do Movimento de Marisqueiras de Sergipe, pode ser que outros movimentos se crie só com mulheres também. Eu acredito que é algo muito forte no Movimento de Marisqueiras. É algo que vem pra somar muito, não só no nosso estado, né? – que é um estado pequeno ainda, que não [é] tão grande, reconhecido, e a gente sabe disso –, outros estados também vão poder se inspirar nessas mulheres, pra que outras mulheres também forme seus grupos de luta independente. Se é de marisqueiras ou não, né? Mas que sejam mulheres fortalecidas pra luta.

(Valda, Ouricuri)

A partir dos nossos grupos de base do Movimento das Marisqueiras de Sergipe, **tomamos decisões sempre de maneira coletiva, sem interferências externas** de governos ou empresários. Sempre que houver algum empreendimento ou legislação que possam, porventura, provocar mudanças no nosso modo de vida, de mulheres marisqueiras e pescadoras artesanais, as comunidades banhadas pelos estuários dos rios Real, Piauí e Piauitinga devem ser consultadas, tal como nos garante a Convenção 169 da Organização Mundial do Trabalho (OIT).



Coordenadora do Movimento das Marisqueiras de Sergipe participando da Feira de Povos e Comunidades Tradicionais de Sergipe.

NOSSO PROTOCOLO DE CONSULTA

O processo de construção

Toda a construção do Protocolo de Consulta foi fundamentada na educação popular e no trabalho de base. O objetivo não é apenas o documento, mas todo o processo de organização coletiva, solidária e empática entre nós, mulheres marisqueiras. O que permitirá que este documento não fique só no papel é a certeza de que seguimos lutando por nosso território e modo de vida!

Mesa das marisqueiras na condução da assembleia de aprovação da construção do Protocolo de Consulta das Águas.



1 Agosto de 2023:

No Seminário "Protocolo de Consulta e Convenção 169", o MMS decide pela realização de um Protocolo de Consulta no Sul de Sergipe;

2 Reuniões coletivas periódicas do grupo de marisqueiras dos seis povoados para organizar e tomar decisões acerca do Protocolo;

3 Oficina para elaboração do etnomapa;

4 Entrevistas individuais com marisqueiras e marisqueiros das seis comunidades;

7 Publicação e incidência política junto às Câmaras de Vereadores, Assembleia Legislativa, Ministério Público e demais órgãos públicos.

6 Assembleias de aprovação da construção do Protocolo e de aprovação do documento final;

5 Duas imersões nas seis comunidades:

caminhadas pelos territórios;

em barcos pelos rios Real, Piauí e Piauitinga para coleta de pontos de GPS;





A importância é mostrar, primeiro, que Sergipe tem um dos maiores estuários com diversidade de pescado ainda com qualidade. Segundo, que nós somos mais de quatorze mil pescadoras e marisqueiras. Terceiro, é que somos nós, mulheres, que sustentamos essa cadeia, que colocamos, inclusive, 70% de produção de pescado de qualidade na mesa do povo brasileiro. E a importância é mostrar... a área das nossas comunidades (...), que é uma tradição de gerações – que eram os meus pais, e de nós passar pra nossos filhos. E o protocolo vai mostrar que o território tradicional tem local, tem saberes, tem viveres, tem cultura e que essas mulheres sobrevivem disso.

(Arlene, Porto do Mato)

Até então, a gente vê no mapazinho lá um pontinho... e, hoje, a gente tá mostrando que tem pescadores, tem marisqueira, tem povos tradicionais nessa região. (...) Tirar mesmo do papel a Convenção 169 e outras, com garantia de que a gente possa ser ouvido.

(Cristiane, Muculanduba)

Esse Protocolo de Consulta chegou em boa hora, porque a partir dele é que a gente vai ter uma segurança maior pra fazer os enfrentamentos com relação aos empreendimentos, ao capital... no sentido de fazer com que eles, primeiro, consultem a gente, consultem a comunidade, pra poder montar seus empreendimentos dentro do nosso território. Eu acho que é uma ferramenta, é um instrumento de muita importância pra nós.

(Elieanaide, Preguiça)

Registros de atividades em campo, reuniões coletivas, oficinas e assembleias.

O que esperamos da Consulta?

1 Que a **PRESERVAÇÃO DOS ESTUÁRIOS DOS RIOS REAL, PIAUÍ E PIAUITINGA** seja prioridade garantida em qualquer proposta;

Que **NOSSAS PRÁTICAS TRADICIONAIS** de mariscagem e modo de vida sejam **RESPEITADAS** e **PRIORIZADAS**;

3 Que as **LEGISLAÇÕES** que ditam sobre o meio ambiente e os direitos dos povos e comunidades tradicionais sejam **CUMPRIDAS**;

Que nossas decisões sejam **RESPEITADAS**! Sejam “sim” ou “não” – e, sobretudo, quando forem “NÃO”!

2

4

Como a legislação protege os povos tradicionais e seus territórios?

Nós, marisqueiras do sul de Sergipe, escrevemos essa **Cartografia Social e Protocolo de Consulta das Águas** com o intuito de mostrar — aos órgãos públicos e a todo o conjunto da sociedade civil — quem somos, qual é o nosso modo de vida e trabalho e porque ele é diferenciado, qual o nosso território e quais são as ameaças que sofremos.

Inspiradas e fundamentadas na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho — da qual o Brasil faz parte —, apresentamos também, neste documento, nossa forma de organização e como queremos ser consultadas. A referida Convenção é a legislação internacional mais importante sobre Povos e Comunidades Tradicionais. Nela está garantido o nosso direito à auto-identificação (Art. 1º) e à propriedade e posse de nossas terras ocupadas tradicionalmente (Arts. 13 e 14), assim como dos recursos naturais nelas existentes (Art. 15). Além disso, nos garante a Consulta Livre, Prévia, Informada e de Boa-Fé (Arts. 6º e 7º).

*

*Nosso Protocolo deve ser entendido como mais um documento que garante a efetivação de nossos direitos enquanto **marisqueiras!***

Artigo 6º

1. Ao aplicar as disposições da presente Convenção, os governos deverão:

a) consultar os povos interessados, mediante procedimentos apropriados e, particularmente, através de suas instituições representativas, cada vez que sejam previstas medidas legislativas ou administrativas suscetíveis de afetá-los diretamente;

Artigo 7º

1. Os povos interessados deverão ter o direito de decidir suas próprias prioridades no que diz respeito ao processo de desenvolvimento, na medida em que este afete suas vidas, crenças, instituições e bem-estar espiritual, assim como as terras que ocupam ou utilizam de alguma forma, e de controlar, na medida do possível, seu próprio desenvolvimento econômico, social e cultural. Além disso, esses povos deverão participar da formulação, aplicação e avaliação dos planos e programas de desenvolvimento nacional e regional suscetíveis de afetá-los diretamente.

(...)

4. Os governos deverão adotar medidas, em cooperação com os povos interessados, para proteger e preservar o meio ambiente dos territórios que esses povos habitam.

Outras legislações que conquistamos e são importantes para a garantia de nossa existência

A **Constituição Federal de 1988**, em seu **artigo 225**, define que todos temos direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, ou seja, temos direito de ter a natureza viva! E é dever do Poder Público e de cada um/a de nós defendê-la e protegê-la.

O **Decreto nº 6.040 de 2007**, que institui a **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**, reconhece que somos Povos culturalmente diferenciados, temos nossas formas de organização, e que nossos territórios e seus recursos naturais são necessários para a manutenção de nossas tradições, trabalho e existência, enquanto marisqueiras e pescadoras.

A **Convenção sobre Diversidade Biológica (1992)**, legislação internacional que o Brasil também assinou, tem como objetivo proteger os nossos saberes e as tecnologias que produzimos, graças à nossa convivência com os manguezais.

E, por fim, destacamos, também, o recente **Decreto nº 12.045, de 05 de junho de 2024**, que instituiu o **Programa Nacional de Conservação e Uso Sustentável dos Manguezais do Brasil**, com o intuito de assegurar ações de conservação, recuperação e uso sustentável dos manguezais.

Devemos ser consultadas!

Qualquer organização — universidades, ONGs, entidades religiosas e de pesquisa etc. —, antes de realizar projetos nos estuários dos rios Real, Piauí e Piauitinga, precisa nos consultar por meio de nossas representantes no Movimento de Marisqueiras de Sergipe. Se considerarmos que a proposta ameaça nosso território de mariscagem, será necessário passar por todo o processo de consulta, aqui estabelecido.

Devem ser respeitadas as etapas aqui descritas sempre que houver qualquer medida administrativa e/ou legislativa dos governos (Federal, Estadual e Municipal) e do poder legislativo (Câmara Municipal, Assembleia Legislativa e Congresso Nacional) acerca de nosso território. Implementação de tanques de carcinicultura, empreendimentos imobiliários, construção de obras, formulação de leis e/ou políticas públicas que nos dizem respeito são exemplos de decisões que só devem ser tomadas após consulta. O mesmo ocorre com empresas privadas ou públicas que propuserem ações que afetem, direta ou indiretamente, nosso território e modo de vida.

A Convenção 169 da OIT prevê consulta não apenas sobre a realização ou não de determinada proposta, mas também sobre as formas de execução e possíveis medidas compensatórias ou mitigatórias.

Devemos ser consultadas para qualquer ação que seja realizada em nosso território, delimitado no mapa presente neste Protocolo.

Quem deve ser consultada?

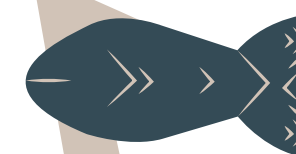
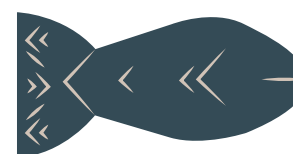
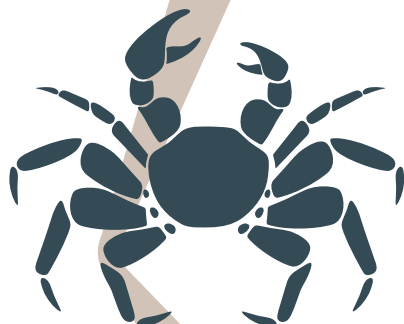
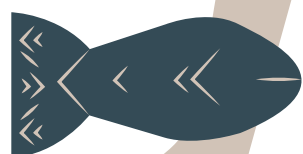
As marisqueiras dos povoados de Muculanduba, Ouricuri, Porto do Mato, Rua da Palha, Preguiça e Pontal, em diálogo com o Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS);

Também poderão participar da consulta: marisqueiras, pescadoras e pescadores artesanais de outros povoados que utilizam os estuários dos rios Real, Piauí e Piauitinga para suas práticas tradicionais, **desde que sejam convidadas por nós e estejam de acordo com as regras estabelecidas neste documento.**

Como devemos ser consultadas?

Com **respeito** à nossa história, saberes e território. Com **linguagem simples, didática e popular**. Respeitando o que apresentamos neste Protocolo, buscando o entendimento e o consenso das comunidades.

Votos e eleições sem diálogo não representam o modo como tomamos nossas decisões.



Etapas do processo:

pré-consulta

Entregar um **ofício ao Movimento de Marisqueiras de Sergipe**, solicitando uma reunião para apresentação da proposta. O ofício deverá ser entregue em mãos a uma das coordenadoras do Movimento, a qual precisará assiná-lo, acusando recebimento.

O MMS comunicará às representantes marisqueiras dos seis povoados e proporá **duas datas e dois horários para reunião junto à parte interessada**, a fim de que esta exponha todas as informações técnicas do projeto de maneira impressa e digital (incluindo, caso haja, medidas administrativas e legislativas e disponibilizando coordenadas geográficas, *shapefile* etc.).

Observações:

Órgãos públicos, quando responsáveis pelos territórios delimitados nesse Protocolo, deverão ser igualmente responsáveis pelo processo de consulta, como previsto na Convenção 169 da OIT;

Demais órgãos públicos e parceiros poderão ser convidados para acompanhar, caso o Movimento considere necessário;

O documento impresso deve estar em linguagem simples e didática, garantindo o entendimento de todas;

Se for necessário, serão realizadas mais reuniões para que seja garantida a compressão da proposta de maneira livre e informada.

Após compreendida a proposta, o MMS proporá um calendário de reuniões junto às marisqueiras dos seis povoados para refletir sobre ela com o coletivo, de maneira mais ampla, **sem a presença da parte interessada**. Órgãos públicos e parceiros podem ser convidados para apoiar, caso decidamos por isso.

A Consulta, propriamente dita, deverá acontecer em data, hora e local definido pelo MMS, junto às representantes marisqueiras dos seis povoados, momento em que o Estado deverá resgatar o direito à consulta, sanando as dúvidas levantadas pelas participantes.

Observações:

Caso a posição do MMS e das marisqueiras seja para a **não realização da proposta**, isso será comunicado nesta reunião e registrado em ata e/ou ofício, assinado pelos participantes. **A consulta se encerra**, respeitando-se, assim, a decisão, como prevê a Convenção 169 da OIT.

consulta

execução e monitoramento

Caso haja aceite total ou parcial da proposta, será construído um plano de acompanhamento e implementação, cujo qual deverá assegurar, em todas as suas fases, momentos de consulta às marisqueiras, respeitando e incorporando seus interesses e saberes, assim como garantindo a proteção dos estuários dos rios Real, Piauí e Piauitinga.



Esse é um momento de escuta, não de tomada de decisão!

Período em que não podemos ser consultadas

“O tempo que a gente não pode ser consultado é o período do verão, que são o período da maré de lançamento, a maré boa, que começa a ser cedo... a maré cedo, boa de se trabalhar. E o período que a gente pode ser consultado é o inverno, porque a gente tem mais dificuldade de acessar a maré por conta da chuva... e na maré morta, porque a maré fica tardia. Os horários ficam, cada vez que passa, mais tarde, sempre pra noite, e aí as mulheres têm dificuldade de mariscar nesse período.”

(Cristiane, Muculanduba)



Festividades importantes



Muculanduba

São Sebastião 17 a 20/01
São Francisco de Assis 25/09 a 04/10

Ouricuri

Padroeiro São Francisco 25/09 a 04/10
São Benedito 20 a 26/10

Porto do Mato

Bom Jesus dos Navegantes 01/01
Dia do Barco de Fogo 11/06
Senhora Sant'Ana 26/07
Boa Viagem 17 e 18/08
Festa das Pescadoras 13/09

Pontal

Bom Jesus dos Navegantes 01/01
Festas dos Reis 06/01
São José 19/03
Festa do Dois de Julho 02/07
Nossa Senhora do Carmo 16/07

Preguiça

Santo Antônio 31/05 a 13/06
Oitavas de Nossa Senhora 03 a 12/10
Festa de Nossa Senhora da Conceição
01 a 08/12

Rua da Palha

Festa do Caranguejo Outubro
Nossa Senhora Aparecida 12/10
Nossa Senhora da Conceição 08/12
Festa da Padroeira 13/12

Datas importantes para todas nós

Finais de semana e feriados
Dia da Consciência Negra 20/11

São João, São Antônio e São Pedro
Dia da Mulher Marisqueira 09/01

Quem deve arcar com os custos da Consulta?

A consulta antecede qualquer medida administrativa ou legislativa que interfira nos territórios de mariscagem. Desse modo, **todos os custos** contidos no processo de consulta previsto nesse documento deverão ser cobertos pelo governo e/ou poderes legislativos ou articulado por eles junto aos proponentes.

Quem organiza e coordena as reuniões?

O Movimento das Marisqueiras de Sergipe e suas coordenações é quem faz os repasses e organiza as marisqueiras dos seis povoados. Caberá ao Estado, entidade definida pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, realizar a consulta, garantindo que este protocolo seja respeitado.

TODO O CONTEÚDO DESTES PROTOCOLOS FOI CONSTRUÍDO A PARTIR DO CONHECIMENTO TRADICIONAL DAS MULHERES MARISQUEIRAS. CONHECIMENTO TRANSMITIDO, AO LONGO DOS ANOS, ATRAVÉS DE GERAÇÕES DE MARISQUEIRAS PELA ORALIDADE E PRÁTICA DA MARISCAGEM NOS MANGUEZAIS DOS ESTUÁRIOS DOS RIOS REAL, PIAUÍ E PIAUITINGA.

Lágrimas de Lama

por Neemias Martins de Oliveira, jovem de Pontal

*

Verdes folhas, tortas raízes	Vale menos que o terno
Negra lama, mole chão	Desse homem tão moderno
Muito dinheiro, poucos homens	Que não vale um tostão?
Prevalece o rico então,	
Ao trazer, lá da cidade,	Um tostão antes valesse
Tanto horror iniquidade,	Esse rico charlatão
Corta tudo sem facão.	Chega em lugar humilde
	Dizendo ter coração
Sem facão pois não precisa	Traz consigo uma cruz
Tem o seu trator nas mãos	“Sigo o exemplo de Jesus”
Faz barulho e ninguém cala	Mas não ajuda o irmão.
Destrói mais que furacão	
Pro mangue não resta mel	O irmão que muitas vezes
E galhos antes, no céu,	Merece também um puxão
Num instante vão ao chão.	Pois puxa o saco do rico
	Que nunca lhe deu a mão
Vai ao chão também o pobre	Trabalhando de empregado
Que suja de lama a mão	Para o homem engravatado
Que vende a corda de 6	“Que faço agora patrão?”
Por metade de um tostão	
Mas o tal homem do mal	“Agora tu vais embora,
Tem licença ambiental	Trabalhaste muito em vão,
Por isso ele tem razão.	Agora fico com a prata
	Você fica em solidão
Tem razão pois tem dinheiro,	Te levo o pouco que tem
Valho o que tenho então?	Te trato com todo desdém
Quanto vale a natureza	
Que nos dá a vastidão?	E ainda me chamas de patrão?”

Expediente

Realização

Marisqueiras do estuário dos rios Real,
Piauí e Piauitinga

Movimento das Marisqueiras de Sergipe
(representantes do Litoral Sul —
Povoados Muculanduba, Ouricuri, Porto
do Mato, Pontal, Preguiça e Rua da Palha)

Equipe de Pesquisa e Assessoria

Gabriela Murua
Leandro Sacramento Santos (Pel)
Daniela Bento Alexandre
Quitéria Gomes Pereira

Participantes das Oficinas

Arlene Oliveira
Assilene Tavares Santos
Cátia Regina dos Santos
Crislaine dos Santos
Cristiane Vieira
Deo Mary
Edinalva Tavares Santos
Elienaide Cardoso das Flores
Geonisia Vieira Dias (Nice)
Gilenilda Correia
Helena Maria dos Santos
Ingride Tavares do Nascimento
Iracema dos Santos Tavares
Iraci Alcântara
Jô da Silva Santos
Josineide Cruz Marques
Lindinalva Vieira
Lucicleide Conceição Silva
Maria Cristina
Naeli Andrade Santos
Terezinha Tavares dos Santos
Valda Alcântara
Valdeci Alcântara

Aprovação do Documento

Assembleias

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Alma Rô Aragão

Imagens

André Luiz Oliveira Pereira de Souza
Danielle de Noronha
Cristiane Vieira
Deo Mary
Edinalva Tavares Santos
Elienaide Flores
Gabriela Murua
Geonisia Vieira Dias (Nice)
Helena Maria dos Santos
Iracema dos Santos Tavares
Jô da Silva Santos
Leandro Sacramento Santos (Pel)
Priscila Viana
Valda Alcântara

Iconografias/Desenhos

Marisqueiras dos Povoados de
Muculanduba, Ouricuri, Porto do Mato,
Pontal, Preguiça e Rua da Palha

Etnomapas

Croqui pelas marisqueiras dos Povoados
de Muculanduba, Ouricuri, Porto do
Mato, Pontal, Preguiça e Rua da Palha

Cartografia

André Luís Oliveira Pereira de Souza
Bianca Mirelly Araújo Silva

Revisão

Aurelia Bento Alexandre





Apoio Institucional



RAÍZES



CPP
CONSELHO PASTORAL DOS
PESCADORES E PESCADORAS



Parcerias

próspera
SOCIAL

REDE NOVA
CARTOGRAFIA SOCIAL



SABEH
Sociedade Brasileira de Ecologia Humana

act:onaid